



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
BACHARELADO EM HISTÓRIA

LUIZ FELIPE DA SILVA BRITO

**A REVOLUÇÃO CUBANA E O ANTICOMUNISMO DE ASSIS  
CHATEAUBRIAND NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1959-1961)**

RECIFE  
2022

LUIZ FELIPE DA SILVA BRITO

**A REVOLUÇÃO CUBANA E O ANTICOMUNISMO DE ASSIS  
CHATEAUBRIAND NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1959-1961)**

Monografia submetida à banca examinadora para  
obtenção do grau de bacharel no curso de Graduação em  
História, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Pinheiro de Melo

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Brito, Luiz Felipe da Silva.

A revolução cubana e o anticomunismo de Assis Chateaubriand no Diário de Pernambuco (1959 - 1961) / Luiz Felipe da Silva Brito. - Recife, 2022.  
68p., tab.

Orientador(a): Patrícia Pinheiro de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Bacharelado, 2022.

1. Assis Chateaubriand. 2. Diários Associados. 3. Diário de Pernambuco.  
4. Guerra Fria. 5. Revolução Cubana. I. Melo, Patrícia Pinheiro de. (Orientação). II. Título.

900 CDD (22.ed.)

LUIZ FELIPE DA SILVA BRITO

**A REVOLUÇÃO CUBANA E O ANTICOMUNISMO DE ASSIS  
CHATEAUBRIAND NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1959-1961)**

Monografia submetida à banca examinadora para  
obtenção do grau de bacharel no curso de Graduação em  
História, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovado em: 05/09/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Patrícia Pinheiro de Melo (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. José Marcelo Marques F. Filho (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Marcília Gama da Silva (Examinadora Externa)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Prof. Júlio César Santos (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

## RESUMO

No presente trabalho, estudamos o comportamento do Diário de Pernambuco sobre a Revolução Cubana. O periódico é o jornal mais antigo em circulação na América Latina, e é parte da empresa *Diários Associados*, cujo Assis Chateaubriand é o proprietário. O leitor será levado a conhecer um pouco da história da Revolução Cubana, da Guerra Fria em Cuba e na América Latina, o perfil ideológico de Assis Chateaubriand e sua atuação política no Brasil e em Pernambuco. Este estudo também analisou as posições sobre a Revolução na Ilha que o Diário de Pernambuco tomou entre os anos 1959 a 1961, recorte temporal que compreende a tomada do poder em Cuba pelos revolucionários e a adesão ao socialismo. Ademais, este texto faz uma breve análise – a partir das publicações do Diário de Pernambuco – das relações entre a Igreja cubana e o Estado revolucionário. De caráter anticomunista, inicialmente o periódico foi favorável à Revolução, mas depois se tornou crítico ao primeiro-ministro Fidel Castro e às sucessivas medidas e ações que Cuba adotou após a vitória do Movimento Revolucionário 26 de Julho.

**Palavras-chave:** Assis Chateaubriand; Diários Associados; Diário de Pernambuco Guerra Fria; Revolução Cubana.

## ABSTRACT

In the present work, we study the behavior of the *Diário de Pernambuco* about the Cuban Revolution. The periodical is the oldest newspaper in circulation in Latin America, and is part of the company *Associated Diaries (Diários Associados)*, whose owner Assis Chateaubriand is. The reader will be taken to know a little about the history of the Cuban Revolution, the Cold War in Cuba and Latin America, the ideological profile of Assis Chateaubriand and his political activities in Brazil and Pernambuco. This study also analyzed the positions about the Revolution on the Island that the *Diário de Pernambuco* took between the years 1959 to 1961, a time frame that includes the seizure of power in Cuba by the revolutionaries and the adherence to socialism. In addition, this text makes a brief analysis – based on the publications of the *Diário de Pernambuco* – of the relations between the Cuban Church and the revolutionary State. With an anticommunist character, the newspaper was initially favorable to the Revolution, but later became critical of Prime Minister Fidel Castro and the successive measures and actions that Cuba adopted after the victory of the 26th of July Revolutionary Movement.

**Keywords:** Assis Chateaubriand; Associated Diaries; *Diário de Pernambuco*; Cold War; Cuban Revolution.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CIA: Central Intelligence Agency

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DP – Diário de Pernambuco

EUA – Estados Unidos da América

MR26J – Movimento Revolucionário 26 de Julho

PC - Partido Comunista

PCB – Partido Comunista do Brasil

PSD – Partido Social Democrático

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>HISTORIOGRAFIA E CONCEITO DE REVOLUÇÃO NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA NA AMÉRICA LATINA .....</b>	<b>9</b>
2.1	A REVOLUÇÃO CUBANA EM PERSPECTIVA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.....	9
2.2	O CONCEITO DE REVOLUÇÃO E A REVOLUÇÃO EM CUBA .....	19
2.3	GUERRA FRIA, AMÉRICA LATINA E BRASIL: CONTEXTO DO CONFLITO NO CONTINENTE.....	23
2.4	A GUERRA FRIA NA ILHA .....	29
<b>3</b>	<b>O PERFIL IDEOLÓGICO DE ASSIS CHATEAUBRIAND E A POSTURA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA .....</b>	<b>34</b>
3.1	O PERFIL ANTICOMUNISTA DE ASSIS CHATEAUBRIAND E DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS .....	34
3.2	INTRODUÇÃO ÀS POSTURAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA: DO APOIO COMEDIDO À OPOSIÇÃO .....	39
3.3	A PRIMEIRA POSTURA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA (1959).....	43
<b>4</b>	<b>A MUDANÇA NA POSTURA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E A INCORPORAÇÃO DO DISCURSO CATÓLICO CONTRA A CUBA REVOLUCIONÁRIA (1960 E 1961) .....</b>	<b>50</b>
4.1	A SEGUNDA POSTURA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA: A OPOSIÇÃO DO PERIÓDICO AO GOVERNO EM CUBA (1960-1961).....	50
4.2	REVOLUÇÃO CUBANA E RELIGIÃO: A INCORPORAÇÃO DO DISCURSO CATÓLICO (1960-1961).....	58
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana foi um dos eventos históricos mais importantes do final da primeira metade do século XX, isso porque, assim como a Revolução Francesa em 1897 e as Revoluções Russas a partir de fevereiro de 1917, o movimento revolucionário cubano foi responsável por inspirar os sonhos políticos de considerável parte dos agrupamentos das esquerdas, especialmente as latino-americanas. Em contrapartida, também foi objeto de críticas, repúdios e denúncias pela direita ou por setores moderados da esquerda. Seja como for, a Revolução Cubana deixou as suas marcas na política latino-americana do século passado e se mantém viva atualmente.

O movimento que derrubou a ditadura de Fulgêncio Batista esteve em ação desde 1953, quando Fidel Castro e outros homens tentaram o assalto ao Quartel Moncada, mas falharam. Fidel Castro foi preso e na prisão escreveu o documento “*A história me absolverá*”. Esse documento era sua defesa perante os tribunais que o julgaram, mas tornou-se o projeto político que o governo revolucionário, em 1959, iria adotar.

Em 1954, Castro foi anistiado e exilado no México. A partir de então, formou, junto ao médico argentino Ernesto “Che” Guevara, o Exército Rebelde e se preparou para voltar à Cuba e derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista. Fidel Castro e o Exército Rebelde aplicaram o método da guerrilha contra as forças armadas do ditador, avançando nas localidades e conseguindo apoio da população local.

Tão nefasta foi a ditadura de Fulgêncio Batista para a nação cubana que o Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR26J) - movimento fundado em 1954 por Fidel Castro no México para derrubar a ditadura de Batista - conseguiu apoio de vários segmentos da sociedade cubana naquele contexto. Além do mais, os Estados Unidos deixaram de apoiar a ditadura fulgencista, por isso, em 1 de janeiro de 1959, inaugurou-se em Cuba uma nova etapa da história da república na Ilha.

Frequentemente confundida com a verdadeira independência do país pelos líderes revolucionários, a Revolução Cubana foi exaustivamente debatida entre os jornais do mundo inteiro. Em Pernambuco, o Diário de Pernambuco, órgão pertencente aos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, repercutiu as mudanças no processo revolucionário cubano, desde antes da tomada do poder em Cuba até os dias atuais.

Sendo os *Diários Associados* um conglomerado empresarial atuante politicamente, suas posições variaram de acordo com o contexto político dentro e fora do Brasil e com a ideologia pessoal de seu proprietário, Assis Chateaubriand. O DP, como fazia parte dos *Diários Associados*, era um veículo midiático importante na grande mídia pernambucana – e é o objeto de análise nesta monografia. Por isso, o projeto político de Chateaubriand também se estendeu para Pernambuco.

O objetivo geral desse trabalho é analisar a lógica anticomunista das publicações no DP sobre a Revolução Cubana, sendo necessário, para isso, considerar que apesar do anticomunismo ser uma marca de Chateaubriand, dois objetivos específicos também precisam ser colocados. Em primeiro lugar, é preciso apresentar Assis Chateaubriand não só como empresário, mas também como político, e por isso usou sua empresa para expor suas opiniões sobre determinados processos históricos. E em segundo lugar, faz-se necessário apresentar as posições do DP entre 1959 e 1961 sobre o movimento revolucionário em Cuba.

Dessa forma, o primeiro capítulo trata de um debate historiográfico sobre a Revolução Cubana e seus significados. Os autores utilizados nesta parte foram escolhidos especialmente porque pensam questões como democracia e autoritarismo, temas presentes nas publicações analisadas do periódico.

Para além disso, haverá a discussão sobre os conceitos de Revolução. Tendo em vista a necessidade de estabelecer as conexões entre os conceitos e a realidade estudada, será preciso discorrer sobre a Revolução em Cuba e o que significam as Revoluções na América Latina. Outro aspecto importante que será discutido é o que foi a Guerra Fria, e sua influência no continente latino-americano, especialmente em Cuba.

Observando esse cenário, no segundo capítulo, analisaremos o perfil ideológico de Assis Chateaubriand e dos *Diários Associados*, dos seus alinhamentos ou oposições a governos no Brasil e a relação deles com os Estados Unidos. Essa verificação revela o caráter anticomunista do proprietário dos *Diários Associados* e introduz à postura inicial do Diário de Pernambuco sobre a Revolução. Tais considerações são importantes para construir uma base essencial para o entendimento dos debates que discutiremos no terceiro capítulo.

No último capítulo, iremos expor a mudança na postura do jornal sobre a Revolução Cubana, especialmente entre os finais 1959 até 1961, e faremos algumas considerações sobre as relações entre o Estado revolucionário cubano e a Igreja cubana nas páginas do Diário de

Pernambuco. A incorporação do discurso católico tinha como principal objetivo a legitimação da oposição que o periódico fez à Ilha no período apresentado.

Para que as análises fossem contundentes, a metodologia empregada foi documental e bibliográfica e precisou ter enfoque a partir da perspectiva política. Foi preciso traçar dos *Diários Associados* e de Assis Chateaubriand, isso porque, o jornal não pode ser visto apenas como um transmissor de informações, mas também como potencial expositor e defensor de ideologias e interesses. Assim, a fonte escolhida para análise foi o Diário de Pernambuco, periódico que era integrante do conglomerado *Diários Associados* e o jornal mais antigo em circulação da América Latina.

O acesso à documentação que possibilitou a análise das fontes se deu por meio da Hemeroteca Digital, que está hospedada no site da Biblioteca Nacional. A escolha das fontes para a análise foi feita por meio de um levantamento com as publicações no periódico onde foram recolhidas informações como caderno, número, página, data e assinantes – quando haviam – entre 1959 e 1961. O encontro destas só foi possível pela busca de palavras como “Cuba” e “Fidel Castro” na lupa digital do site. Também criamos legendas para identificar posições contrárias, de advertência ou favoráveis ao processo revolucionário cubano no periódico.

Após a fase de levantamento das fontes, foi preciso confrontá-las com as bibliografias sobre o tema para embasar a produção dos capítulos. Esse confronto entre as fontes e a bibliografia permitiu maior capacidade de análise das publicações do periódico. Só a partir de então, houve o desenvolvimento dos capítulos e a organização do trabalho como um todo.

## **2 HISTORIOGRAFIA E CONCEITO DE REVOLUÇÃO NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA NA AMÉRICA LATINA**

### **2.1 A REVOLUÇÃO CUBANA EM PERSPECTIVA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**

O debate historiográfico sobre Cuba no Brasil e no mundo é amplo. Uma das historiadoras que fez um resumo sobre esse debate foi a Claudia Wasserman. Na introdução do livro *“A Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil”*, do qual ela é a organizadora, Wasserman dá ênfase a ideia de que a historiografia sobre o movimento revolucionário “no Brasil está dividida entre reportagens jornalísticas, ensaios de humanistas

(artistas, professores, profissionais liberais e teólogos) e trabalhos de ciências sociais (história, sociologia, política e economia).”<sup>1</sup>

Claudia Wasserman enfatiza que a maior parte da bibliografia sobre a Revolução Cubana está mais acentuada no final da década de 1970, passando por Florestan Fernandes, Emir Sader e Denise Rollemberg mais recentemente. A autora acredita que existe “uma ambivalência da bibliografia em relação ao processo, interpretando como um modelo a ser seguido, ou como uma ameaça à segurança nacional.”<sup>2</sup> Essa é a primeira característica da historiografia brasileira sobre o processo revolucionário.

Além da ambivalência da historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil, existem outras características que são mais gerais entre os autores que estão inseridos nessa polarização. A segunda delas é a forma descritiva e evolutiva de pensar o processo na Ilha, relacionando o movimento de 1959 com as lutas de independência e preocupando-se em estabelecer conexões entre os atores da Revolução de 1959 e os que apoiavam as causas independentistas. Portanto, é comum a comparação entre Fidel Castro e José Martí, por exemplo.

A terceira característica é a preocupação em “ressaltar a veracidade dos fatos e das descrições contemporâneas”<sup>3</sup>. Para a autora, trata-se de uma tentativa de desmistificar a ideia de que os estrangeiros que foram a Cuba só viram o que os cubanos quiseram que eles vissem, ocultando a verdadeira face do regime. Aqui podemos ver a encarnação mais explícita da ambivalência.

A quarta característica é o que a autora chama de “elaboração penosa”. A elaboração penosa é o elemento que ressalta no texto os sacrifícios que foram desempenhados para executar a Revolução e para mantê-la, uma história de heróis e vilões que enfatiza a ação dos revolucionários e demoniza a ação dos Estados Unidos e dos contra revolucionários.

A quinta característica refere-se às consequências da Revolução nas relações internacionais. Para a autora,

além das boas relações entre Cuba e o resto do mundo socialista, a historiografia brasileira ressaltava a influência exercida pela cultura da Europa Oriental [...] ainda

---

\* A ortografia dos fragmentos dos textos do Diário de Pernambuco foi modificada para as normas gramaticais vigentes.

<sup>1</sup> WASSERMAN, Claudia. Historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil. In: WASSERMAN, Claudia (org.) A Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil. Porto Alegre: Edições EST, 2009, p. 18.

<sup>2</sup> Ibid., p. 20.

<sup>3</sup> Ibid., p. 21

no campo das relações internacionais, o tipo de vínculo com os Estados Unidos e o anti-imperialismo cubano aparece como temática em todas as abordagens.<sup>4</sup>

A partir das colocações de Cláudia Wasserman, entendemos que é importante dar destaque aos temas mais específicos como democracia e autoritarismo, que são componentes importantes para entender o anticomunismo do DP. Na pesquisa entre as folhas do jornal, o debate sobre esses temas demarcou as posições do periódico sobre as formas de governança democrática. Dessa forma, procuramos fazer um debate historiográfico com realce nos autores que discorrem sobre as questões mais suscitadas pelo DP. Ao longo do texto, poderemos perceber as características apontadas por Wasserman nas citações dos autores utilizados.

Há muito o que se falar sobre a Revolução Cubana e suas consequências. A historiografia acerca daquele movimento é bastante diversificada e para definir os problemas com a escrita da história sobre a Revolução na Ilha, de forma mais geral, “As maiores dificuldades derivam do caráter polêmico do tema. Talvez não exista uma questão mais contraditória na historiografia contemporânea que a revolução cubana”.<sup>5</sup>

Em um processo que dura desde a independência da Espanha (1898) até a entrada de Fidel Castro em Havana (1959), alguns autores, como Emir Sader, apontam a frustração com as lutas de independência como um dos principais fatores para o êxito da Revolução. Após o rompimento com a Espanha, o que se passou em Cuba foi o reordenamento de sua submissão. Desse modo, os Estados Unidos enfraqueceram a emancipação e implantaram um sistema neocolonialista que impediu a libertação real da Ilha.

Sobre esse caráter neocolonial, é possível afirmar que “a independência da Espanha não havia trazido consigo a independência e a prosperidade econômica que muitos esperavam”<sup>6</sup>. Como bem pontuou Aviva Chomsky, o historiador Louis A. Pérez retoma a narrativa de José Martí para explicar a frustração com as lutas pela emancipação. Para Pérez, os Estados Unidos reviveram a ordem colonial.

O ressurgir da ordem colonial em Cuba deve-se especialmente por causa da ação estadunidense na Ilha, pois,

A Emenda Platt foi um dispositivo Constitucional assinado pelo Senado norte-americano em 1901, para garantir que os Estados Unidos pudessem intervir política e militarmente na ilha de Cuba. No final do século XIX, após a independência, os norte-americanos trataram de se livrar dos interesses comerciais europeus para conquistar

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 23

<sup>5</sup> SADER, Emir. A Revolução Cubana. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992, p. 16.

<sup>6</sup> CHOMSKY, Aviva. História da Revolução Cubana. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2015, p. 31.

de vez a hegemonia no continente. Com políticas articuladas, os Estados Unidos apoiaram a descolonização dos países vizinhos para tê-los como aliados e atingir seus interesses geopolíticos e econômicos de forma efetiva.<sup>7</sup>

A condição neocolonial de Cuba após os processos de independência era clara: a Ilha havia se transformado de colônia espanhola em “quintal” dos Estados Unidos. Aquela situação trazia consigo um contexto de desigualdade social extrema onde, segundo Luís Roberto Lopez

[...] a monocultura açucareira e a dominação externa modelaram o perfil da sociedade cubana pré-revolucionária. No alto, predominava uma plutocracia integrada organicamente ao imperialismo e com reduzidos vínculos com as outras classes do país [...] no extremo oposto do espectro social cubano existia uma explorada massa trabalhadora rural e urbana.<sup>8</sup>

Emir Sader também discorreu sobre isso:

Consolidou-se assim o domínio norte-americano sobre a Ilha, reduzida a uma economia monocultora de exportação, onde o açúcar era complementado pelo tabaco, café e frutas cítricas, com um comércio de importação e exportação totalmente vinculado aos EUA. Politicamente o país passou a ser uma pseudorepública, complemento da neocolônia no plano econômico, tutelada pela presença ostensiva dos EUA.<sup>9</sup>

Este contexto social, econômico e político convergiu para a ebulição das lutas políticas no século XX na Ilha. Entre ditaduras e sucessivas e fracassadas tentativas de reformas e modernizações capitalistas, Cuba viveu em um contexto o qual foi expoente de um processo revolucionário que inaugurou uma época de grandes tensões na geopolítica mundial, obviamente resultado da insatisfação de grande parte da sociedade cubana da época:

Evidentemente, a culpa da situação não era do povo cubano, que reagia sempre que as circunstâncias o permitiam. Em 1933, um amplo movimento popular derrubou a sanguinária ditadura de Gerardo Machado [...] Entretanto, o governo bem intencionado que veio a seguir, chefiado por Ramón Grau San Martín, pouco durou (1933-34) [...] Entre 1940 e 1944, Cuba foi governada pela mão de ferro de Fulgêncio Batista, que manteve o país firmemente na órbita norte-americana. À frente do Partido dos Autênticos, San Martín voltou ao poder em 1944 e ficou até 1948. Todavia nem ele e nem o seu sucessor, Pio Socarrás, conseguiram encontrar soluções adequadas para um país que enfrentava problemas tão graves. Moderadas e paliativas, tais soluções acabaram naufragando na ineficácia e na corrupção. [...] em 1952, Pio Socarrás foi derrubado por Fulgêncio Batista [...] A miséria e a dominação estrangeira tenderam então a se aprofundar e acabaram por fertilizar o solo de onde brotaria a revolução [...]<sup>10</sup>

<sup>7</sup> SILVA, Tiago Ferreira da. Emenda Platt. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/emenda-platt/#:~:text=A%20Emenda%20Platt%20foi%20um,militarmente%20na%20ilha%20de%20Cuba>. Acesso em: 03 de nov. 2022.

<sup>8</sup> LOPEZ, Luiz R. História da América Latina. 2ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 155.

<sup>9</sup> SADER, Emir. A Revolução Cubana. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992, p. 23

<sup>10</sup> LOPEZ, *op. cit.*, p. 159.

Certamente é por causa da instabilidade política que Luís R. Lopez discorreu que os temas sobre democracia tiveram – e têm até hoje – importância majoritária quando se trata de Cuba e do socialismo cubano:

Em face disso, mais tarde, quando Fidel Castro subiu ao poder, ficou de mãos livres para propor experiências completamente novas, absolutamente descompromissado com qualquer facção ou com a realização de eleições, já que as instituições estavam desmoralizadas.<sup>11</sup>

Um dos principais impasses acerca da Revolução Cubana é justamente sobre essas questões de democracia. A historiografia tem repercutido tais discussões de forma ampla e plural, com alguns autores na defesa do regime cubano e outros criticando a falta de democracia em Cuba desde os anos 1960 até os momentos mais recentes.

Luiz R. Lopez, nos anos 1980, foi um dos defensores mais ferrenhos do regime cubano. De orientação marxista, Lopez tenta, em seu livro *“História da América Latina”*, esclarecer as questões sobre liberdade em Cuba. Para o autor, não se pode analisar tais questões sem desligar as críticas das posições ideológicas de quem as faz. Lopez acredita que “No caso de Cuba, certamente o país está longe de ser um paraíso na terra [...] Em todo caso, já superou, há muito tempo e de forma rápida, os infernos tão familiares aos povos latino-americanos.”<sup>12</sup>

Apesar do reconhecimento problemas existentes, o autor parece acreditar que as mudanças que seguiram no pós-revolução são maiores que qualquer obstáculo. Entretanto, há também considerações sobre o caráter autoritário do governo:

Por outra parte, é evidente que a atividade contra o regime não é tolerada. Em última instância, portanto, as discussões sobre as questões da liberdade e da repressão no regime cubano – e também no caso dos sandinistas da Nicarágua – estão sempre ligadas diretamente aos interesses ideológicos e sociais dos participantes.<sup>13</sup>

Outro ponto importante no texto de Lopez são as comparações feitas com os outros países da América Latina. Sobre o sistema político de partido único em Cuba, o autor critica a noção de que pluripartidarismo seria sinônimo de democracia na América Latina. Ele também deixa explícito que não se pode

dissociar o conceito de partido político de um referencial econômico concreto. Num país capitalista que adota os formalismos jurídicos liberais, os múltiplos e conflitantes interesses têm, nos partidos, um canal para se exprimirem e conseguirem seu espaço, ao passo que num país socialista o partido atua como instrumento revolucionário e, portanto, aglutinador dos objetivos e aspirações da coletividade que lhe cumpre representar em sua totalidade<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 159.

<sup>12</sup> Ibid., p. 164.

<sup>13</sup> Ibid., p. 164-165.

<sup>14</sup> Ibid., p. 165-166.

Para além deste aspecto político, Lopez também discorre sobre a questão econômica. Ao nosso ver, a Revolução que atingiu as estruturas sociais e políticas de Cuba em 1959 quase não impactou sua estrutura econômica, uma vez que o açúcar continuou sendo a base da economia cubana; o que houve foi apenas um redirecionamento após a suspensão da compra do açúcar cubano pelos Estados Unidos, quando Cuba recaiu em relação de dependência econômica com os países socialistas, especialmente com a União Soviética.

Lopez é crítico não à mudança, em relação à dependência econômica, de centros de poder que Cuba adotou aderindo ao socialismo, mas àqueles que acreditam em um “imperialismo soviético”. Esta ideia teria como base a teoria de que a União Soviética seria imperialista tanto quanto os Estados Unidos, ou melhor, dois polos opostos mas equivalentes. O autor acredita que o termo imperialismo não é aplicado corretamente porque a palavra define um fenômeno específico que sai dos países capitalistas centrais e se estende à periferia do sistema. Entretanto, Lopez afirma que

De qualquer forma, à parte o sentido das palavras e a intenção de quem as utiliza, é evidente que a sociedade cubana pós-revolucionária possui uma estrutura que, em grande parte, se apoia na URSS e dela depende, em que pesem os esforços do Governo Fidel Castro em manter relações comerciais com todos os países, especialmente do continente latino-americano. [...] Por outro lado, se os soviéticos se empenham em auxiliar Cuba não é por filantropia – é porque lhes interessa enfraquecer os espaços do imperialismo.”<sup>15</sup>

Ainda sobre isso, Valter Pomar enfatiza os “sacrifícios” feitos pela Revolução:

O modelo econômico adotado por Cuba a tornou altamente dependente do bloco dirigido pela União Soviética. Quando este se dissolveu, Cuba perdeu, simultaneamente, o comprador de seus produtos de exportação e o fornecedor de duas importações. Nessas circunstâncias, Cuba teve que adotar medidas de restrição de consumo; as informações de que dispomos indicam que tais medidas foram relativamente igualitárias, preservando em especial as crianças e atingindo a liderança do Partido e do Estado. Nos tempos neoliberais que correm, isso não é pouco.<sup>16</sup>

Nos anos 1990, Emir Sader, outro teórico de orientação marxista e de devota defesa ao regime cubano, tratou dos novos aspectos que pairavam no contexto da Ilha. Os anos 1990 são marcados pela ascensão do neoliberalismo e pela queda dos regimes socialistas do Leste Europeu. No prefácio da sexta edição do seu livro “*A Revolução Cubana*”, intitulado “*O Novo Desafio*”, Sader pontua que Cuba enfrentou desafios, por conta da reconfiguração mundial, e

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 168.

<sup>16</sup> POMAR, Valter. Fidel Castro: A História o Absolverá? In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*. 1ª Edição: São Paulo: Xamã Editora, 1998, p. 195.

critica jornalistas e estudiosos que “apontam por a mais b como tudo faz prever que os dias do socialismo em Cuba estão contados, fazendo coro com os opositoristas de Miami.”<sup>17</sup>

Como afirmamos algumas linhas acima, Emir Sader também se ocupa com suas reflexões sobre liberdade e democracia em Cuba. Para o autor, nos anos 1980

As maiores dificuldades existentes derivam do caráter polêmico do tema. [...] entre a apologia e a satanização, parece não haver meio termo possível. Entre os que, ao visitar a Ilha, ficam ‘maravilhados’ com a eliminação do analfabetismo, da prostituição, da discriminação racial, do desemprego, da violência, da miséria, e com a saúde e educação gratuitas; e, por outro lado, os que execram radicalmente a “falta de liberdade e de democracia” no país, se divide praticamente toda a bibliografia existente.”<sup>18</sup>

Um dos mais notáveis argumentos do Emir Sader para defender o regime cubano é o apoio popular. Para o autor, as ações que sucederam após 1959 são as razões pelas quais o regime logrou apoio popular, pois “os processos contra pessoas comprometidas com a repressão e a corrupção, depois a reforma agrária e a reforma urbana, as primeiras nacionalizações, tudo isso foi fortalecendo o apoio popular ao regime [...]”.<sup>19</sup> Com base nesse argumento, Emir Sader escreve sobre o caráter do regime político cubano. Criticando a imprensa, o autor utiliza noções do marxismo-leninismo para desenvolver a defesa do regime de partido único:

O argumento utilizado por órgãos de imprensa hoje é que o preço dessas conquistas inegáveis foi a perda da liberdade e da democracia pelo povo cubano. [...] É preciso constatar que em Cuba existe um sistema político de ditadura do proletariado, conforme definição de Lênin. [...] em Cuba, depois da unificação das três organizações políticas vinculadas à revolução, existe um sistema de partido político único, o Partido Comunista.<sup>20</sup>

Sader continua sua defesa atribuindo os aspectos do regime cubano como consequência do contexto internacional

Esse sistema é resultado antes de tudo da necessidade de unidade absoluta diante de um inimigo tão próximo e tão poderoso que, até a revolução cubana, havia conseguido depor e repor os governos que bem entendeu na região. Se não tivesse constituído uma rente interna absolutamente unificada, Cuba não teria podido resistir a todas as tentativas do governo norte-americano para liquidar a revolução.<sup>21</sup>

O autor também pontua o aspecto teórico do regime, fazendo um contraponto entre o regime vigente e as tradições liberais:

Outro fator que explica o modelo político pelo qual optaram os cubanos é a leitura de Marx, Engels e Lenin, em particular da ditadura do proletariado. Essa leitura, sob pano de fundo do sistema político dos países socialistas do Leste Europeu, era, além do mais, funcional à violenta polarização entre revolução e contrarrevolução e à

<sup>17</sup> SADER, Emir. A Revolução Cubana. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992, p. 11.

<sup>18</sup> Ibid., p. 16.

<sup>19</sup> Ibid., p. 74.

<sup>20</sup> Ibid., p. 131.

<sup>21</sup> Ibid., p. 131.

necessidade mencionada de apresentar uma frente interna completamente unificada diante da maior potência do globo. [...] Do ponto de vista de um país com tradições liberais, o regime político cubano não responde aos requisitos solicitados. Mas é preciso enfoca-lo como a resposta popular num país que nunca teve no capitalismo tradições de democracia parlamentar minimamente sólidas [...].<sup>22</sup>

Ao fim do texto, Emir Sader explica que só é possível entender esse sistema político como resposta à propaganda anticomunista dos Estados Unidos, e que a unidade que traz consigo o regime de partido único não restringe a liberdade dos cubanos.

Outra autora de orientação marxista, Aviva Chomsky nos parece um pouco mais crítica. Lançado em 2010, o seu livro “*História da Revolução Cubana*” é um grande compilado de informações sobre os precedentes da Revolução, do processo revolucionário, do governo que se instaurou na Ilha após a Revolução e suas características culturais, políticas e sociais.

Aviva Chomsky reserva algumas páginas para discutir se o socialismo cubano é democrático. A autora postula que as autoridades cubanas asseguram que o sistema político é democrático enquanto a opinião de boa parte do continente ocidental discorda, contudo,

A democracia assumiu muitas formas diferentes no tempo e no espaço. Vale a pena olhar com um pouco mais de profundidade e atenção aquilo que chamamos de “democracia”. Para muito norte-americanos, a ideia de socialismo se tornou quase sinônimo de repressão política, restrições à liberdade de expressão e a outras liberdades políticas, poder arbitrário e violações de direitos humanos.<sup>23</sup>

Um ponto importante no texto da autora é a análise que ela faz entre o apoio dado pelas diversas classes sociais ao MR26J, em janeiro de 1959, e o caminho socialista que a Revolução trilhou porque “a aversão à velha ordem não significou necessariamente uma concordância em relação à nova ordem”.<sup>24</sup>

Outro aspecto que chama atenção no seu trabalho é a questão dos tribunais revolucionários<sup>25</sup>. Repercutindo em manchetes no Diário de Pernambuco, os tribunais são assuntos polêmicos até hoje e “receberam uma condenação muito maior no exterior que em Cuba”.<sup>26</sup> Com o contexto político, econômico e social empurrando Cuba para a influência socialista nos anos 1960, os setores moderados se afastaram da Revolução e a preocupação do

---

<sup>22</sup> Ibid., p. 132-133.

<sup>23</sup> CHOMSKY, Aviva. *História da Revolução Cubana*. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2015, p. 75-76.

<sup>24</sup> Ibid., p. 76.

<sup>25</sup> Segundo Gabella (2019) os Tribunais Revolucionários foram os julgamentos dos “criminosos de guerra”, aqueles que foram os agentes responsáveis pelas torturas, prisões e assassinatos no governo fulgencista. Para o autor, a medida encontrou apoio popular e não foi inaugurada com a Revolução Cubana. Durante a pesquisa e a seleção dos fragmentos usados neste trabalho, os Tribunais Revolucionários foram noticiados com frequência no Diário de Pernambuco.

<sup>26</sup> CHOMSKY *op. cit.*, p. 76.

governo para minar a influência contra revolucionária aumentou: “Cidadãos eram pressionados a participar dos comitês de Defesa da Revolução, da Federação de Mulheres Cubanas e da milícia civil. Aqueles que duvidavam, hesitavam ou preferiam não participar eram cada vez mais marginalizados.”<sup>27</sup>

Com a aproximação da liderança revolucionária do Partido Comunista, o regime vai se encaminhando para o que Emir Sader reivindica ser a ditadura do proletariado. Aparentemente, o impasse teórico que Chomsky impõe aos marxistas mais tradicionais é a crítica à centralização do poder nas mãos dos líderes da Revolução, que depois irão se aglutinar no futuro Partido Comunista Cubano, o partido único.

Um aspecto importante de citar acerca dessa centralização é o exemplo da situação da intelectualidade cubana. Aviva Chomsky escreve que as políticas para os intelectuais foram resumidas

Por Fidel Castro em 1961 em um famoso discurso intitulado “Palavras aos intelectuais”. “Dentro da revolução, tudo; contra a revolução, nada”, ele disse. Ou seja, faz-se uma distinção entre o trabalho intelectual, da arte à literatura e à academia, que se opõe à revolução não é permitido. (Trata-se basicamente da mesma distinção consagrada na Constituição cubana: a “liberdade de expressão” não pode ser exercida contra a Constituição, as leis do país ou o socialismo).<sup>28</sup>

As críticas de Aviva Chomsky ao governo cubano são contundentes e resumem uma visão menos compromissada com paixões ideológicas. Nesse ponto, é importante ressaltar, assim como a autora faz em seu texto, a influência das características políticas soviéticas em Cuba, especialmente após 1970, quando houve o alinhamento com a União Soviética. Conhecido como “cinco anos cinzentos” pelos intelectuais cubanos, segundo a autora, este período reflete a “sovietização” da vida cultural em Cuba. Chomsky usa as ideias do autor cubano Ambrosio Fonet para explicar que

O “realismo socialista” imposto durante esse período, explicou o autor cubano Ambrosio Fonet anos depois, exigia uma “literatura como pedagogia e hagiografia, direcionada à criação de ‘heróis positivos’, apagando, quaisquer conflitos no ‘seio da classe operária’”. Os limites voltaram a relaxar depois de 1976 com a nomeação de Armando Hart como ministro da Cultura e aquilo que normalmente é visto como uma “nova abertura” ao longo da década de 1980.<sup>29</sup>

Outra crítica relevante no que diz respeito à democracia em Cuba é feita por Alice Havranek. Segundo a autora,

De fato, há toda uma estrutura de participação política e social nos bairros e municípios que se confere ao povo cubano uma certa ilusão de controle social. [...]

<sup>27</sup> Ibid., p. 76.

<sup>28</sup> Ibid., p. 77.

<sup>29</sup> Ibid., p. 78-79.

cabe lembrar que ainda há forte censura nos meios de comunicação, que a imprensa continua sendo monopólio estatal, que a proibição aos sindicatos e às tendências independentes se mantêm e que, no plano internacional, a oficialidade cubana nega mais informações do que na década de 1980.<sup>30</sup>

Escolhemos esses autores porque suas visões diferentes contribuem para uma análise mais ampla do processo revolucionário. A historiografia marxista segue uma posição mais defensiva e de exaltação da Revolução Cubana, como é o caso de Emir Sader, que procura compensar nos ganhos sociais os aspectos autoritários do regime. Luiz R. Lopez também tenta justificar a “necessidade” autoritária do regime. Também marxista, defende que as características autoritárias são uma resposta aos ataques dos Estados Unidos e à contrarrevolução.

Porém, dentro do marxismo, existem aqueles historiadores que fazem a crítica tanto aos Estados Unidos quanto ao regime cubano, dentre os quais podemos citar Aviva Chomsky. A autora discorre sobre a situação colonial imposta à Cuba pelos Estados Unidos, conectando-a ao contexto pré-revolucionário. Entretanto, critica a forma como nos anos vindouros Cuba foi se aproximando do “realismo soviético” e endurecendo o regime contra intelectuais, artistas e críticos.

Além desses autores, trouxemos também Cláudia Wasserman e Alice Havranek. Essas autoras procuram delinear os aspectos positivos, essencialmente ligados aos ganhos sociais da população. Todavia, as mesmas se preocupam com as questões do autoritarismo na Ilha, tecendo importantes críticas ao processo de formação do regime político cubano.

Prezamos pelo equilíbrio entre os pontos positivos e negativos sobre a Revolução Cubana que estão presentes na análise historiográfica. Levando em consideração tais reflexões, procuramos entender as críticas da grande mídia à Cuba, relacionando-as ao contexto político interna e externamente à Ilha e às publicações no DP. Certamente, as críticas expressas no DP já nos fins de 1959 foram consequência dos aspectos autoritários que Aviva Chomsky e Alice Havranek refletem. Entretanto, a forma desonesta como Cuba é representada na mídia tradicional, tende a nos fazer considerar aspectos do discurso de Emir Sader e Luiz R. Lopez.

Nos preocupamos em fazer a análise historiográfica focando no que se discute dentro da historiografia sobre autoritarismo, democracia e direitos em Cuba, entre 1958 e 1961, dessa

---

<sup>30</sup> HAVRANEK, Alice. Cuba na Atualidade: O Impasse e o Silêncio. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). Revolução Cubana: História e Problemas Atuais. 1ª Edição: São Paulo: Xamã Editora, 1998, p. 160.

forma, podemos entender de forma contextualizada o comportamento anticomunista que emergiu nos textos do Diário de Pernambuco, o qual é nosso objeto de estudo.

Escolhemos o Diário de Pernambuco por ser um dos representantes da mídia tradicional pernambucana. O periódico, que faz parte dos *Diários Associados*, refletiu as opiniões pessoais do seu proprietário, Assis Chateaubriand. O Diário de Pernambuco constitui-se como importante veículo político de disseminação de informações. Sendo o mais antigo periódico em circulação na América Latina, o jornal esteve presente no cotidiano de vários segmentos da sociedade, além de fazer parte dos *Diários Associados*, um dos maiores conglomerados de mídia do século passado no Brasil. No contexto da Guerra Fria, a guerra também se deu nas páginas do periódico.

É importante frisar que a escolha da temática se deu pelo interesse em História da América Latina e pela importância da discussão sobre Cuba em uma sociedade tão imersa em falsas notícias sobre a Ilha e a Revolução de 1959. Vale pontuar que parte significativa deste trabalho foi feita em meio as fases mais complicadas da pandemia do vírus Covid-19, portanto, optamos por pesquisar no acervo da Hemeroteca Digital.

Acreditamos que o presente trabalho pensa a Revolução Cubana com o devido distanciamento e respeito que este evento histórico merece. Por isso, finalizamos concordando com Alice Havranek, quando ela discorre que

Pensar a expropriação de 1959, a possibilidade do retorno dos expropriados, as novas formas de propriedade que se abrem, as que se superam e os conflitos gerados por esses processos é um dos caminhos para o início de uma análise desmistificadora de Cuba hoje. Questão polêmica e ainda em curso, a encruzilhada cubana, deve ser tratada com o máximo respeito humano e teórico para que não se perca a oportunidade ímpar de reflexão histórica, que ela coloca, visando a transformação da própria história da humanidade.<sup>31</sup>

## 2.2 O CONCEITO DE REVOLUÇÃO E A REVOLUÇÃO EM CUBA

A necessidade de pensar o conceito de revolução é uma forma essencial de formular críticas, observações e elogios ao processo revolucionário cubano. Na América Latina, é importante situar estes processos dentro dos limites geográficos, sociais, políticos e econômicos locais. A história do continente latino-americano passa por momentos diferentes de outras partes do mundo e por esse motivo deve haver a preocupação do historiador em esclarecer as

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 166.

condições preexistentes que influenciam a história recente. Segundo Valerio Arcary, as revoluções só podem ser definidas a partir do estudo de muitas variáveis:

Revoluções como todos os processos históricos complexos só podem ser compreendidas considerando diferentes variáveis: (a) revoluções podem ser explicadas pelos seus fatores de impulso, ou seja, as forças motrizes históricas que repousam como as causas objetivas, a necessidade de derrubar ditaduras, defender a nação de agressão estrangeira, realizar a reforma agrária, conquistar a paz quando de uma guerra, derrotar a exploração dos trabalhadores, defender as conquistas das gerações anteriores, etc.; (b) revoluções têm sujeitos sociais protagonistas que podem ser variados: os assalariados urbanos nas sociedades urbanizadas, especialmente a classe operária industrial, os pequenos camponeses em sociedades agrárias, as massas populares urbanas semi-proletárias, setores médios assalariados com alta escolaridade; (c) revoluções têm sujeitos políticos dirigentes, os partidos ou movimentos que conquistam legitimidade na representação de massas; (d) revoluções realizam transformações e têm resultados políticos e sociais: revoluções políticas derrubam governos, revoluções sociais destroem as relações sociais dominantes.<sup>32</sup>

Levando em consideração as características acima, o movimento cubano de 1959 pode ser definido enquanto Revolução, pois foi feito para derrubar uma ditadura e no processo de institucionalização, realizou profundas reformas no eixo político e social. Entretanto, a Revolução Cubana não conseguiu fazer grandes mudanças no eixo econômico:

A dependência da economia cubana tem percorrido um caminho histórico em que se mantém sempre muito concentrada a sua relação econômica, principalmente o comércio exterior; inicialmente com Espanha, depois EUA e, finalmente, URSS. Neste sentido, a ligação do país com uma potência não é algo novo ou singular, mas um processo que nasce no período de colonização e se mantém, com seus limites e potencialidades durante a Guerra Fria.<sup>33</sup>

Ademais,

Os estreitos laços com a URSS desestimularam os esforços para a diversificação das atividades produtivas, apesar do processo de retificação. A URSS condicionou fortemente as atividades econômicas cubanas garantindo preços superfaturados do açúcar (que mesmo assim eram mais baratos que os esforços soviéticos para produzi-lo em quantidade adequada), facilitando o crédito comercial, como afirmamos anteriormente, e compensando os déficits nas transações externas cubanas. Desta forma, o sistema funcionou como um ciclo vicioso, mantendo Cuba especializada na produção do açúcar, que representava 80% de suas exportações no período, propiciando a manutenção da dependência e se mostrando catastrófico com o fim destes laços.<sup>34</sup>

Apesar de não ter logrado sucesso na questão econômica, o processo de tomada do poder operou mudanças na estrutura social e política do país. Ainda que exista esse aspecto híbrido da Revolução Cubana, no sentido de que o processo revolucionou as estruturas sociais e políticas mas não logrou sucesso nas questões econômicas, o Dicionário de Política tem um

<sup>32</sup> ARCARY, Valerio. O que é uma revolução?. Revista Dialectus, Fortaleza, ano 2, n. 5, p. 51-63, ago./dez. 2014, p. 53-54.

<sup>33</sup> SILVA, Marcos Antonio da. Revisitando a Guerra Fria: autonomia relativa e dependência na relação Cuba - URSS. Revista de Geopolítica, Natal, vol. 4, n. 2, p. 104-126, jul.dez., 2013, p. 115.

<sup>34</sup> Ibid., p. 117.

espaço reservado exclusivamente para o movimento revolucionário cubano, definindo-o como “revolução castrista” e pontuando que foi uma “revolução vitoriosa num país carente de uma verdadeira e autêntica classe operária organizada e dotado de uma estrutura econômica de tipo capitalista só parcialmente desenvolvida [...]”.<sup>35</sup>

Contudo, para entendermos a Revolução Cubana, é preciso tentar responder duas questões centrais: a) o que foi a Revolução em Cuba? b) Que tipo de Revolução foi a Revolução Cubana? Ressaltamos ainda que pensar as revoluções e os processos políticos na América Latina não podem estar conectados às visões baseadas nas experiências europeias, portanto eurocêntricas. Segundo Valério Arcary,

Enganam-se, também, aqueles que engajados em suas preferências, só reconhecem como revoluções autênticas aquelas que tiveram direções que correspondem às suas escolhas ideológicas. Revoluções são processos muito complexos que não se definem somente a partir de uma variável.<sup>36</sup>

Antes de tudo, é preciso conceituar o que foi a Revolução em Cuba e na América Latina, lembrando que estes processos tomam forma e corpo diferentes nos países que se desenvolveram, mas apresentam características em comum que certamente são consequências dos resquícios coloniais. O historiador Héctor H. Bruit entende que é impossível definir o que é uma revolução, porém é preciso elencar algumas características mais gerais desses movimentos dentro da realidade latino-americana, onde podemos situar o caso de Cuba, México e Nicarágua, por exemplo.

Héctor H. Bruit defende que a rapidez com que aparecem as mudanças sociais, a violência, e o conflito entre classes são algumas das características que compõem o contexto das revoluções. Porém, na América Latina, essa é uma interpretação equivocada. Segundo Bruit:

O antagonismo social, um dos elementos fundamentais de uma revolução, aparece no imaginário social como uma luta entre ricos e pobres, mas essa visão nem sempre é verdadeira, pois nem todos os pobres são revolucionários e nem todos os ricos contrarrevolucionários. Na realidade, o confronto social é a oposição entre a classe que detém o poder político do Estado e as classes ou diferentes segmentos de classes que se acham de algum modo excluídos desse poder. As revoluções político-sociais provocam assim uma mudança radical na estrutura social, transferindo da classe

---

<sup>35</sup> PASQUINO, Gianfranco, 1983: verbete: “Revolução”. IN: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Tradução de Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacais e Renzo Dini. 11ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983, p. 1126.

<sup>36</sup> ARCARY, Valerio. O que é uma revolução?. Revista Dialectus, Fortaleza, ano 2, n. 5, p. 51-63, ago./dez. 2014, p. 53.

governante para a classe que faz a revolução o controle da propriedade econômica e do poder políticos.<sup>37</sup>

Segue também esse mesmo pensamento o autor José Santana da Silva:

Entretanto, o confronto revolucionário não ocorre necessariamente na forma de enfrentamento direto entre as classes em luta. Desde o nascimento das sociedades modernas, com a constituição do Estado e a ampliação crescente das suas funções de regularização e mediação das relações sociais, além da repressão às classes subalternas, a revolução se expressa cada vez mais no confronto com o Estado e cada vez menos no enfrentamento direto entre as classes antagonistas.<sup>38</sup>

Os trechos esclarecem alguns aspectos da situação revolucionária cubana. A Revolução de 1959 só triunfa porque existia um enorme descontentamento de todas as classes que não suportavam mais a ditadura de Fulgêncio Batista. O ditador era a personificação de uma velha ordem, praticamente aristocrática, ligada aos interesses estrangeiros e que controlava a economia, a sociedade e a política cubana. Aquelas pessoas descontentes com os rumos do país viram no MR26J uma oportunidade para mudar o poder político que regia o Estado naquele momento:

É possível falar de revolução cubana em dois sentidos: como processo de luta pela tomada do poder por Fidel Castro e os companheiros que com eles lutaram na oposição insurrecional ao regime do ditador Fulgêncio Batista. Nessa acepção, foi um movimento guerrilheiro que capitalizou o descontentamento do povo contra as condições de miséria, corrupção, falta de liberdade e dependência em relação aos EUA, para instalar um governo revolucionário nos primeiros dias de 1959.<sup>39</sup>

A Revolução Cubana se constitui enquanto Revolução, porque, segundo Emir Sader:

Revolução, nesse sentido, é o conjunto de processos de mobilização, organização e luta do povo, em condições históricas concretas, contra o poder instituído, pela construção de um novo poder político que dirija as transformações radicais das estruturas dominantes da sociedade.<sup>40</sup>

Da forma como está colocada, a Revolução de 1959 em Cuba toma para si um caráter singular, ou seja, não segue uma cartilha ou um exemplo de outra revolução anterior a ela. Portanto, é necessário atentar para o fato de que, sendo uma revolução na América Latina, é fruto não só do contexto daquele momento como também de todo um passado colonial, afinal

Toda revolução é um processo heterodoxo. Nunca repete, nem na forma, os fenômenos similares dos processos que a antecederam. A revolução russa foi completamente diferente da frustrada tentativa da Comuna de Paris, a chinesa se diferenciou amplamente da russa, e a cubana não repetiu a história das revoluções anteriores.<sup>41</sup>

<sup>37</sup> BRUIT, Hector H. *Revoluções na América Latina*. Atual: São Paulo, 1998, p. 7.

<sup>38</sup> SILVA, José Santana da CONCEITO DE REVOLUÇÃO NA HISTORIOGRAFIA DAS REVOLUÇÕES MEXICANA E CUBANA. Portal de Anais de Eventos da Universidade Estadual de Goiás, p. 4. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/9970/7174>. Acesso em: 01 jul. 2022.

<sup>39</sup> SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992, p. 15.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>41</sup> SADER, *op. cit.*, p. 18.

Héctor H. Bruit explica o porquê das revoluções na América Latina não obedecerem aos padrões das revoluções marxistas em seus processos. Algumas características essenciais para a teoria revolucionária marxista estavam ausentes na Cuba pré-revolucionária, são elas: a falta de desenvolvimento pleno capitalista que impediu a formação de classes definidas e a situação de dependência ao imperialismo estadunidense:

O fraco desenvolvimento capitalista não configurou uma estrutura social capaz de permitir a formação das classes bem definidas, de tal forma que ao longo da história contemporânea do continente encontramos burgueses que conseguiram o poder econômico por meio da especulação financeira ou do comércio e não do desenvolvimento da indústria, que é a atividade que cria o valor e a dominação social sobre o trabalhador; burguesia que se alia aos proprietários de terras para com eles dividir o poder político; camponeses que não têm terra; trabalhadores que não são totalmente assalariados, etc. A situação de dependência ao imperialismo norte-americano é outro elemento decisivo de não-enquadramento das revoluções da América Latina no esquema referido. Tanto é que três das revoluções estudadas neste livro se processaram tendo como base não apenas a luta de classes, mas principalmente como movimentos de libertação nacional efetuados não só por trabalhadores, camponeses e pequena burguesia, mas também por importantes setores da burguesia. Em Cuba, isso foi claro durante a fase da luta armada.<sup>42</sup>

Levando em consideração as citações acima, devemos considerar a Revolução Cubana como uma Revolução de libertação nacional e anti-imperialista. Como discorre Emir Sader,

[...] a revolução cubana de 1959 foi a continuidade das frustradas lutas de independência iniciadas na segunda metade do século passado e pode ser caracterizada efetivamente como uma revolução, não pelo fato de ter tomado o poder, mas por ter desenvolvido um processo de transformações radicais das estruturas [...]<sup>43</sup>

Sendo de caráter anti-imperialista e de libertação nacional, a “A Revolução Cubana foi, antes de tudo, uma revolução nacionalista que se radicalizou no contexto mencionado e nos marcos da relação dos EUA com a América Latina.”<sup>44</sup> Também podemos entender que a Revolução Cubana é proletária, pois, com a radicalização do processo, apoiada pela classe operária, Héctor H. Bruit acredita que ela também pode ser colocada de tal forma. Em suma, as características que se apresentam no contexto anterior à tomada do poder em 1959, a caracterizam como uma autêntica Revolução.

### 2.3 GUERRA FRIA, AMÉRICA LATINA E BRASIL: CONTEXTO DO CONFLITO NO CONTINENTE

<sup>42</sup> BRUIT, Hector H. *Revoluções na América Latina*. Atual: São Paulo, 1998, p. 9-10.

<sup>43</sup> SADER, *op. cit.*, p. 15.

<sup>44</sup> SILVA, Marcos Antonio da. Revisitando a Guerra Fria: autonomia relativa e dependência na relação Cuba - URSS. *Revista de Geopolítica*, Natal, vol. 4, n. 2, p. 104-126, jul. dez., 2013, p. 111.

O fim da Segunda Guerra Mundial preconizaria um dos momentos mais tensos na história da política mundial: a Guerra Fria. Após a derrota da Alemanha Nazista, em 1945, a aliança temporária entre a União Soviética e os Estados Unidos se desfez, amplificando a rivalidade entre capitalismo e socialismo e dando início à disputa entre as duas potências. Com a vitória dos Aliados e desfeita a coalizão entre União Soviética e Estados Unidos, o confronto se deu não só ideologicamente mas também política, militar e territorialmente entre as duas visões de modernidade: a capitalista e a socialista.

Entre 1945 e 1946, deu-se início ao processo político que se arrastaria até a queda do Muro de Berlim, no começo dos anos 1990, influenciando no mundo todo a forma como as nações se organizavam politicamente. Segundo Vanni Pettina

[...] a Guerra Fria, além de articular-se ao redor de uma contraposição entre modernidades antagônicas, constituiu-se, melhor dito, gerou após 1945 um sistema internacional novo, com uma coerência e regras de funcionamento distintos com respeito ao que se baseou na ordem europeia vigente. Sem adicionar a dimensão de conflito ideológico a presença deste sistema internacional regulado pela existência de um antagonismo bipolar de ordem militar, econômica, jurisdicional e não só ideológico, não poderíamos entender eventos como a derrota da revolução na Hungria em 1956, o triunfo do movimento de independência na Argélia em 1962 ou a transformação socialista de Cuba depois da vitória do movimento nacionalista de Fidel Castro em 1959, só para citar alguns exemplos.<sup>45</sup>

A dimensão internacional em que a Guerra Fria se projetou trouxe para o mundo inteiro novas formas de convivência com os movimentos sociais e reorganizou as relações internacionais. Esse reordenamento na estrutura política mundial fez-se sentir, por exemplo, na Europa, com a divisão da Alemanha entre ocidental (capitalista) e oriental (socialista), mas também operou mudanças na América Latina. Portanto, a Guerra Fria inaugurou no mundo uma era de caos e tensões entre capitalismo e socialismo, que já existia ao menos desde de 1917 com a emergência das Revoluções Russas, mas que se intensificaram à medida que a União Soviética e os Estados Unidos se transformaram em superpotências e buscaram hegemonia ao redor do globo. No caso latino-americano, a Guerra Fria teve suas especificidades.

O século XX foi bastante agitado para os povos latino-americanos. No Brasil, em 1945, chegou ao fim o período ditatorial conhecido como Estado Novo, enquanto o processo de redemocratização que veio após a ditadura Vargas foi acentuando-se lentamente e acompanhando o desenvolvimento das lutas políticas dos movimentos operários.

---

<sup>45</sup> Pettinà, Vanni. *Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina*. México, El Colegio de Mexico AC, 2018, p. 34 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

De forma análoga, o aprofundamento da democracia em vários países na América Latina foi se desenvolvendo e as disputas políticas vindas de uma classe operária e camponesa que emergiram com a ampliação capitalista começaram a desembocar em propostas que tinham como seus eixos principais as reformas sociais. Com o intuito de modernizar esses países e desenvolver o capitalismo nacional, tais reformas apresentaram-se como prioridade dos latino-americanos.

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, parte considerável das nações latino-americanas, segundo Joseph Tulchin, enxergavam no poderio estadunidense um meio de ampliar o desenvolvimento de suas economias. É nesse momento que estes países recorrem à recém criada Organização dos Estados Americanos (OEA), como forma de barganha com os Estados Unidos. Porém, com a definição da Guerra Fria após 1945,

[...] como novo sistema internacional antagônico, baseado em uma contraposição radical ideológica entre o socialismo e o capitalismo, se sobrepôs [a Guerra Fria] a estes processos interferindo neles de forma constante durante mais de quatro décadas, até moderar seus efeitos em direção ao final dos anos oitenta. Ao falar de interferência, consideramos que esta confrontação tornou mais difíceis os processos de cunho político e social na América Latina e, em consequência, as sociedades se viram mais polarizadas e propensas à instabilidade.<sup>46</sup>

Dessa forma, os Estados Unidos, tentando minar a influência soviética/comunista no hemisfério ocidental, financiou golpes e ditaduras e contra revoluções e direcionou sua política externa; em resumo, apenas com o intuito de combater o socialismo:

As interferências que ocorreram sobre este processo ao começar o conflito bipolar se materializaram por meio de duas fases convergentes e relacionadas, uma de âmbito internacional, que aqui definimos como “fratura externa”, e a outra com os cenários locais dos países latino-americanos, que temos chamado de “fratura interna”. Em primeiro lugar, a guerra fria se estendeu pelo hemisfério como consequência das mudanças que experimentou a política externa estadunidense em direção à região a partir do início de sua confrontação com a URSS. É certo que, pelo menos até 1959-1960, a ameaça soviética não se manifestou de forma direta na área. Porém, quando Washington começou seu enfrentamento com Moscou como um conflito de ordem global, a política exterior estadunidense em direção à América Latina registrou profundas mudanças. [...] Durante os anos trinta e quarenta, a política exterior estadunidense havia assumido paulatinamente um papel tolerante e até convergente com os processos de mudanças sociais continentais. A partir de 1946-1947, Washington voltou a recuperar uma posição antagônica frente às dinâmicas de transformação que atravessavam as sociedades latino-americanas.<sup>47</sup>

Segundo Tulchin, tendo como base esse contexto bipolar, vão aparecer, por exemplo, as Forças Armadas da Colômbia (FARC), como forma de reação ao assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, um político que reivindicava as reformas sociais para o seu país. Na Guatemala, o

<sup>46</sup> Ibid., p. 36 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

<sup>47</sup> Ibid., p. 36-37 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

governo Eisenhower trabalhou junto à Central Intelligence Agency (CIA) para derrubar o governo reformista de Jacobo Arbenz. E no Peru houve a substituição do regime militar progressista de Juan Velasco Alvarado entre 1968-1975 pelo conservador Francisco Morales Bermúdez; apenas para citar alguns exemplos.

No Brasil, a agitação política vinha desde os anos 1930, mas o apogeu das lutas políticas se deu nos anos 1960. Com a renúncia de Jânio Quadros, a instabilidade política que já estava assombrando o país se intensificou. Isso se deu porque João Goulart era o vice-presidente, eleito pelo voto, e deveria assumir o cargo. João Goulart tinha sido Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas nos anos 1950, e vice-presidente do Brasil nos mandatos de Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. Após o suicídio de Vargas, João Goulart despontou como uma das lideranças trabalhistas mais promissoras no Brasil e encabeçou o projeto político das reformas de base, logo, era visto por setores da sociedade brasileira como comunista.

Evidentemente, em meio à Guerra Fria, qualquer projeto político que tentasse empreender uma reforma do Estado poderia ser considerado subversivo. Por causa disso, João Goulart assumiu um regime parlamentarista, que foi o meio encontrado pelo congresso, militares e empresários para amarrar limitar seu poder de atuação. Com o fim do parlamentarismo pelo voto popular através do plebiscito de 1963, Goulart foi empurrado pelos movimentos sociais a colocar as reformas em pauta, o que radicalizou sua postura sobre estas e convergiu com outros aspectos do contexto bipolar, resultando no golpe militar de 1 de abril de 1964.

Isso se deu, entre tantos outros motivos, principalmente pelo medo da influência da Revolução Cubana no continente, especialmente onde existiam condições parecidas com Cuba antes de 1959, que era o caso do Brasil e de Pernambuco. A respeito da subversão, Tulchin acredita que

O que distingue o período da Guerra Fria em relação ao passado e ao futuro foi o cálculo de soma zero e maniqueísta feito pelo governo dos EUA e de seus interesses no hemisfério, com a imposição, sobre as nações da região, de uma rígida camisa de força ideológica que avaliava a segurança. Com a exceção de poucos períodos e episódios, o governo norte-americano relegou a segundo plano todas as conversas sobre desenvolvimento, governança democrática e direitos humanos. Quando havia provas de subversão ou de ameaça dela, a política externa dos EUA repetidamente sacrificava as questões de governança democrática, contestação política e desenvolvimento econômico e social, justo no momento em que adquiriram maior importância para cada vez mais pessoas na América Latina.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> TULCHIN, Joseph S. América Latina x Estados Unidos: Uma Relação Turbulenta. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 94-95.

Um aspecto importante da Guerra Fria é a propaganda anticomunista promovida pelos Estados Unidos no hemisfério ocidental. O anticomunismo é o supra sumo desse maniqueísmo praticado pelos estadunidenses no continente americano. Devido à influência dos partidos comunistas entre as décadas de 1930 e 1940, o anticomunismo era necessário à política externa dos Estados Unidos para a América Latina. Era preciso, pois, diferenciar o mundo livre do mundo comunista – o qual era recorrentemente retratado como antidemocrático, totalitário e ateu – para evitar o estabelecimento de governos que pusessem em perigo a hegemonia estadunidense.

O discurso anticomunista não é um discurso isolado, mas amplo. Os países que ficaram às margens dos centros capitalistas viram suas economias dependentes dos grandes centros de poder, ou seja, uma continuidade das características coloniais. Isso é o que chamamos de imperialismo. A ameaça de ruptura com essa continuidade assustou as elites econômicas. Assim, o anticomunismo vai servir de base para, junto aos Estados Unidos e a setores religiosos, civis e militares, legitimar invasões, intervenções, sabotagens e os golpes de Estado. Em 1964, com o golpe militar, vimos no Brasil a personificação desse discurso.

A lógica anticomunista se baseava na suposta existência de elementos subversivos. Essa ideia de subversão é o argumento utilizado pelos Estados Unidos para interferir nos assuntos internos dos países latino-americanos. Isso se deve graças à atuação ativa e crescente dos partidos, movimentos e sindicatos comunistas na América Latina. Essa atuação foi importante porque, devido ao nazifascismo, a Internacional Comunista adotou a postura de “frente ampla” contra o fascismo como cartilha política a ser seguida pelos PCs no mundo. Na prática, a aliança de comunistas e forças progressistas significou a luta por direitos dentro da ordem vigente visando a modernização capitalista nos respectivos países. Com isso, a influência dos comunistas expandiu-se.

Segundo Vanni Petinnà são casos notáveis de atuação comunista: o Chile, com o apoio dos comunistas aos presidentes eleitos Pedro Aguirre Cerda (1938-1941) e Juan Antonio Ríos (1942-1946), além da vitória do candidato radical Gabriel González Videla; no Equador, os comunistas e socialistas participaram da Aliança Democrática Equatoriana, que elegeu, em 1944, José María Velascobarra; na Costa Rica, os comunistas estavam ao lado de Rafael Calderón Guardia (1940-1944) e Teodoro Picado (1944-1948), personalidades filiadas ao Partido Republicano Nacional, de centro-direita. Esses processos se articularam porque “o

denominador comum da participação comunista em alianças com partidos não marxistas, havia sido a presença de uma agenda de reformas sociais compartilhada [...]”<sup>49</sup>

No Brasil, os comunistas participaram ativamente do movimento sindical, muitas vezes fazendo alianças com os trabalhistas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), fundado por Getúlio Vargas. Entre os anos 1930-1950 foi muito comum que os comunistas estivessem não só em aliança com os trabalhistas, como também dentro dos sindicatos que eram geridos pelos trabalhistas. Isso se deu por conta da ilegalidade na qual viveu o até então Partido Comunista do Brasil (PCB) durante boa parte da sua história, desde que foi fundado, em 1922. A clandestinidade ocorreu porque “a ruptura dos Aliados depois de 1945 e o anúncio da Doutrina Truman em março de 1947 conduziram a uma rápida ilegalidade e marginalização das forças comunistas no continente.”<sup>50</sup>

A ilegalidade dos partidos comunistas era uma das consequências da lógica anticomunista da Guerra Fria, mas, mesmo antes do conflito, os comunistas já estavam postos na ilegalidade, de forma que só nos momentos de profunda democratização da sociedade é que esses partidos conseguiam seus registros perante às instituições dos Estados latino-americanos.

Entretanto, isso não liquidou totalmente a influência dos comunistas. No Brasil, por exemplo, além das alianças feitas com os trabalhistas no eixo sindical, os comunistas se filiaram a legendas não comunistas para eleger seus representantes, nos momentos de redemocratização. É o caso, por exemplo, do comunista Manoel Calheiros, que foi eleito prefeito de Jaboatão dos Guararapes, em 26 de outubro de 1947. Calheiros foi eleito pelo Partido Social Democrático (PSD)<sup>51</sup>, sigla marcadamente anticomunista, em um drible à ilegalização do PCB.

Mediante o exposto, entendemos que os Estados Unidos tiveram relevante importância nas formações de Estados autoritários, majoritariamente militares, na América Latina. Segundo Tulchin, na América do Sul, por exemplo, os militares sentiam que deveriam participar mais da vida pública desses países. Dessa forma, o que se percebe nesse contexto de Guerra Fria é a derrubada de governos eleitos democraticamente e a substituição destes por ditaduras militares nacionalistas e anticomunistas, além da constante pressão estadunidense para que não se formasse nenhuma nação comunista no hemisfério ocidental.

---

<sup>49</sup> PETTINÀ, *op. cit.*, p. 75 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 36 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

<sup>51</sup> Para mais informações sobre o processo eleitoral de 1947 em Jaboatão dos Guararapes ver: (Melo Neto, 2019).

Tais regimes foram amparados por doutrinas de segurança nacional, agências de censura e perseguição, tortura e morte de opositores políticos. Dessa maneira, o clamor social por reformas, desenvolvimento e democracia na América Latina foi relegado por mais algumas décadas.

#### 2.4 A GUERRA FRIA NA ILHA

A Guerra Fria esteve influenciando a política dos países da América Latina, especialmente em Cuba e inevitavelmente após a Revolução em 1959. Ao estudar sobre Cuba e sobre a Revolução Cubana, é preciso levar em consideração o contexto internacional de combate ideológico, político, militar e territorial entre o bloco capitalista e o bloco socialista. O movimento revolucionário cubano era protagonista nesse contexto pela indefinição do seu caráter ideológico, no início de 1959, e pela adesão ao socialismo em 1961.

Como falamos anteriormente, a lógica anticomunista interferiu nas relações externas dos Estados Unidos para a América Latina. O medo do subversivo era tão latente que Cuba se tornou uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos e do hemisfério ocidental, pondo em risco todo o “mundo livre”. As consequências desse conflito geraram histeria nos países do ocidente, que temiam a perda de influência nas repúblicas latino-americanas. Com isso, a busca pela manutenção da segurança nacional era praticamente uma regra nestes países ocidentais, especialmente nos Estados Unidos:

Durante a Guerra Fria, a subversão adquiriu uma dimensão ideológica que não havia tido durante as guerras mundiais. A luta contra a União Soviética era sistêmica. O anticomunismo tornou-se o cerne da ambição hegemônica dos EUA, superando outros fatores como as questões preocupantes da governança democrática, do desenvolvimento econômico e daquilo que se consideravam os valores centrais que uniam as nações da comunidade hemisférica.<sup>52</sup>

Particularmente, é possível afirmar que a existência de subversão era uma das grandes preocupações de Washington. Em Cuba, esses elementos podem ser apontados desde o início do governo revolucionário. A suposição da existência da subversão tornou-se ponto de partida para definir o que pode e deve ser feito em relação à Ilha e isso explica, por exemplo, o bloqueio econômico, o rompimento das relações diplomáticas e a tentativa de invasão à Cuba em 1961.

A ditadura de Batista chegou ao fim por vários motivos, especialmente porque já não era mais interessante para os Estados Unidos continuar financiando um regime ditatorial mal avaliado pelos países vizinhos e em decadência política e moral. Além disso, o MR26J mostrou

---

<sup>52</sup> TULCHIN, Joseph S. América Latina x Estados Unidos: Uma Relação Turbulenta. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 93.

ser imparável, tomando as cidades e angariando apoio de todas as classes sociais. Essas movimentações amedrontaram os Estados Unidos, pois a política externa para a América Latina estava ancorada na lógica anticomunista. Sobre isso, e para entendermos as publicações que usamos neste trabalho, Tulchin aponta que “não era suficiente que os latino-americanos se declarassem democratas. Tinham de provar que eram anticomunistas o bastante e que estavam determinados a se proteger – e, por extensão, proteger os EUA – da subversão comunista.”<sup>53</sup>

Os países latino-americanos precisavam mostrar que não estavam alinhados ao bloco socialista, bem como precisavam neutralizar os grupos internos que tivessem alguma ligação com as correntes consideradas subversivas, sendo “subversivo” um conceito aberto a muitas interpretações. Cuba merecia atenção especial porque aquela Revolução derrubou uma ditadura, que foi mantida com o apoio dos Estados Unidos por bastante tempo, e isso afetava diretamente as relações Cuba-Estados Unidos. Os EUA, por um lado, precisavam respeitar o processo político pelo qual passava Cuba, e por outro temia perder espaço político e influência porque “quase todas as classes, em maior ou menor grau, apoiaram o pequeno grupo [o Movimento Revolucionário 26 de Julho]”<sup>54</sup> e mais ainda porque Cuba era considerada um “protetorado dos Estados Unidos”<sup>55</sup>

A Guerra Fria trouxe para a América Latina uma série de problemas de caráter geopolítico. Durante esse período, o continente esteve imerso em conflitos políticos resultantes das relações entre os Estados Unidos e o mesmo. Em Cuba, a obsessão em perseguir a suposta presença da subversão deu origem a uma série de medidas, ações, discursos e acusações que empurraram Cuba para o socialismo e para a órbita soviética.

Além disso, é preciso observar a Guerra Fria em Cuba como um processo de influências mútuas. Enquanto no restante da América Latina os governos eram derrubados, partidos eram postos na ilegalidade e ditaduras se formavam, em Cuba, a Revolução foi se consolidando e institucionalizando, indo de encontro com o restante do continente. Portanto, Cuba passa a ser vista como ameaça maior pelos Estados Unidos. Por outro lado, a União Soviética ganhou uma aliada na tentativa de mostrar a superioridade do bloco socialista em relação ao capitalista.

---

<sup>53</sup> Ibid., p. 94.

<sup>54</sup> BRUIT, Hector H. *Revoluções na América Latina*. Atual: São Paulo, 1998, p. 68.

<sup>55</sup> CHOMSKY, Aviva. *História da Revolução Cubana*. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2015, p. 28.

As ações do governo revolucionário impactaram as relações entre a Ilha e os Estados Unidos na Guerra Fria porque tiveram um caráter mais radical das que foram feitas, ou das tentativas, em outros países na América Latina. Segundo Patinne

Para Castro, Cuba necessitava de um processo de reforma radical, que só seria possível por meio de uma ruptura com as lógicas e práticas políticas do passado. Esta mudança implicava em um reajuste radical com os equilíbrios sociopolíticos do país a favor das classes populares e uma contenção importante da capacidade de influência das chamadas classes econômicas<sup>56</sup>

Levando esse aspecto em consideração, é claro que, as classes econômicas são aquelas ligadas ao capital internacional, ou melhor, é a classe proprietária do vasto agrupamento de investimentos e propriedades estadunidenses em solo cubano. Esse era um desafio para o governo revolucionário, pois sabiam que os conflitos com os Estados Unidos seriam inevitáveis: ou avançavam em direção à consolidação da Revolução por meio das reformas, ou a Revolução significaria apenas uma mudança de poder político, mas com a continuidade das práticas do passado:

Segundo confessou Ernesto Che Guevara a Richard Goodwin, um conselheiro próximo ao presidente Kennedy, durante um encontro que os dois tiveram no verão de 1961, por causa da Conferência Interamericana de Punta del Este, os cubanos não desejavam um entendimento com os Estados Unidos porque, no fundo, eram conscientes de que um acordo era impossível.<sup>57</sup>

As reformas que foram feitas pelo governo revolucionário, especialmente entre os anos 1960 e 1961, atingiram as propriedades estadunidenses na Ilha e confirmaram as expectativas de Ernesto Che Guevara acerca da inevitabilidade de conflitos com o país vizinho.

Com a adesão ao socialismo em 1961, Cuba foi-se encaminhando, mesmo com discordâncias, para um alinhamento com a União Soviética. Isso nos parece um caminho natural, não só como forma de manter uma relativa autonomia dos Estados Unidos para realizar as mudanças que o governo revolucionário pretendia, mas também como um modo de fazer oposição às pretensões hegemônicas dos EUA dentro da lógica de Guerra Fria. Certamente

É importante assinalar que a hostilidade estadunidense frente ao resultado do processo revolucionário funcionou como incentivo para se consolidar a aliança entre Moscou e Havana. A decisão tomada pela administração de Eisenhower de impedir que as refinarias de propriedade de empresas estadunidenses refinassem o petróleo soviético conduziu a nacionalização de suas instalações em junho de 1960. Em resposta, a administração Eisenhower reduziu, até quase eliminá-la, a cota de açúcar cubano que os Estados Unidos compravam à ilha; o governo cubano respondeu, como vimos, com uma ampla onda de expropriações. [...] A agressividade com que a política exterior estadunidense lidou com a evolução do processo revolucionário deu o último

<sup>56</sup> Pettinà, Vanni. *Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina*. México, El Colegio de México AC, 2018, p. 91 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 95 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

empurrão para que se concretizasse, em termos mais sólidos, o alinhamento entre Moscou e Havana.”<sup>58</sup>

Portanto, a luta contra o comunismo se acentuou na América Latina à medida em que Cuba foi se tornando socialista. Estimuladas pelos Estados Unidos, as mobilizações anticomunistas não tinham só o intuito de derrubar o regime de Castro em Cuba como também evitar a exportação da Revolução para outros locais na América Latina. Isso pode ser observado no discurso do Lyndon B. Johnson, presidente dos Estados Unidos, em face da invasão da República Dominicana pelos Estados Unidos:

As nações americanas não podem, não devem e não irão permitir o estabelecimento de outro governo comunista no hemisfério ocidental. Isto foi a visão unânime de todas as nações americanas quando, em janeiro de 1962, declararam, e eu cito: “os princípios do comunismo são incompatíveis com os princípios do sistema interamericano.” Isto é o que nosso amado Presidente John F. Kennedy quis dizer, quando, menos de uma semana antes de sua morte, nos falou: “nós neste hemisfério devemos usar todo recurso sob nosso comando para prevenir o estabelecimento de uma outra Cuba neste hemisfério. Isto é e será a ação comum e o propósito principal das forças democráticas deste hemisfério. Pois o perigo também é um perigo comum, e os princípios também são princípios comuns.”<sup>59</sup>

Ao estudar sobre estes aspectos, devemos considerar algumas informações acerca do sentimento de superioridade que amplifica a “legitimidade” com a qual os Estados Unidos reivindicaram a liderança e validaram suas ações interventoras no hemisfério ocidental. Gerson Moura, em seu texto intitulado “*Um povo eleito e o continente selvagem*” afirma que

A noção de civilização foi particularmente importante nessa construção. De modo geral identificada aos valores do cristianismo protestante, à economia capitalista, ao conhecimento técnico-científico e à estabilidade política, a civilização norte-americana cedo se erigiu em modelo e parâmetro para o conjunto do continente. [...] O mesmo caráter “civilizado” da sociedade colonial lhe assegurava um saber superior na utilização do solo e dos recursos naturais, o que justificava o processo de expropriação que ocorreu especialmente nos territórios indígenas. Difundida pelo conjunto da sociedade americana, a noção de civilização superior tornou-se também um argumento para políticas estatais de cunho intervencionista e expansionista.<sup>60</sup>

Esses aspectos possibilitam o entendimento das razões pelas quais os Estados Unidos se colocaram em condições morais elevadas em relação ao resto do continente americano. Especialmente na Guerra Fria, as racionalizações estadunidenses mostram seu caráter messiânico:

Mas a racionalização mais notável da expansão – com vida extremamente longa – ficou por conta da autoimagem norte americana como modelo de democracia. Outros povos seriam igualmente civilizados e prósperos se adotassem o modelo democrático

<sup>58</sup> Ibid., p. 99-100 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

<sup>59</sup> ESTADOS UNIDOS. Presidente. (1963-1969: Lyndon B. Johnson) Discurso em ocasião da Intervenção na República Dominicana. Washington, 2 mai. 1965. 4f. Disponível em: <https://loveman.sdsu.edu/docs/1965JohnsonDoctrine.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022. Tradução nossa.

<sup>60</sup> MOURA, Gerson. Estados Unidos e América Latina. Coleção Repensando a História Geral. São Paulo: Contexto, 1990, p. 15-16.

norte-americano. [...] Para os defensores dessa formulação, a democracia não era apenas um sistema de governo, mas uma condição moral; daí, que a implantação da democracia à americana no continente, mais que uma necessidade, seria um dever dos estadistas de Washington.<sup>61</sup>

As noções de civilização e democracia estadunidenses estão presentes nos textos do DP em meio aos questionamentos, críticas e acusações que o periódico fez sobre Cuba e Fidel Castro. Além disso, a influência que a Revolução Cubana, impulsionada pela Guerra Fria, exerceu sobre o continente americano ampliou as tensões políticas no hemisfério ocidental.

Em quase meio século de influência da Guerra Fria, a América Latina foi palco de ditaduras, democracias fragilizadas e rupturas abruptas. A preocupação com o subversivo trouxe para o continente americano a obrigação de se mostrar anticomunista, como disserta Tulchin. Sob o mesmo ponto de vista, é com muita facilidade que encontramos, nas publicações do período analisado no DP, o aconselhamento para que Cuba se acomodasse nos padrões estadunidenses de democracia.

Dentro dessa lógica de combate à subversão, Cuba e Fidel Castro são colocados em evidência já em 1960:

WASHINGTON, 5 (U.P.I) – Um ex-organizador comunista declarou hoje que Cuba é a “Cabeça de ponte da qual o Comunismo Mundial lança sua invasão ideológica da América Latina” [...] Acrescentou que sua estratégia “é encobrir as faltas de Fidel Castro e fazê-lo passar por um reformador agrário”.<sup>62</sup>

Este fragmento de uma manchete no jornal enfatiza o suposto plano comunista para infiltrar-se no continente americano. Dessa forma, o periódico argumenta, com base em um depoimento de um “ex-organizador” comunista, que denuncia a postura de Fidel Castro. Por certo, o combate à subversão está intrínseco ao texto.

As concepções de democracia se conectaram com a Guerra Fria à medida que Cuba institucionalizou sua Revolução e influenciou movimentos sociais no mundo inteiro. Por outro lado, os Estados Unidos procuravam dissipar a influência comunista no hemisfério ocidental e manter a sua hegemonia. No entanto, Cuba se transformou em um entrave às pretensões estadunidenses justamente quando os EUA procuraram cessar tais influências na América Latina.

Em síntese, a Guerra Fria foi um período que fez de Cuba palco de um dos maiores conflitos do século passado. Cuba, após a Revolução, tornou-se expoente do bloco socialista

---

<sup>61</sup> Ibid., 16-17.

<sup>62</sup> Cuba: Ponte Do Comunismo na América Latina. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 06/01/1960.

dentro do autodenominado mundo livre, onde os Estados Unidos queriam manter a primazia se seu poder no continente americano. Desde então, as relações entre Cuba e Estados Unidos não foram mais as mesmas.

### 3 O PERFIL IDEOLÓGICO DE ASSIS CHATEAUBRIAND E A POSTURA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA

#### 3.1 O PERFIL ANTICOMUNISTA DE ASSIS CHATEAUBRIAND E DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS

O Diário de Pernambuco tem como seu slogan, desde que completou 83 anos em 1908, “o mais antigo jornal circulando na América Latina”. O DP foi fundado em 1825, e durante todo esse tempo participou dos processos políticos de Pernambuco e do Brasil.

Em 1931, o DP começou a fazer parte do império midiático de Assis Chateaubriand, os *Diários Associados*:

Chatô como era conhecido entre os seus pares, era dono de um verdadeiro império de jornais, revistas e estações de rádio. Ao longo de sua vida como empresário e jornalista o magnata manteve o hábito de escrever e publicar artigos das mais variadas temáticas em seus jornais.<sup>63</sup>

Portanto, “Os [Diários] Associados fazem uso da Rede para dar eco à voz do Velho Capitão [Chateaubriand], intervindo em praticamente todos os grandes conflitos políticos da sua época [...]”.<sup>64</sup> Portanto, antes de ser jornalista, Assis Chateaubriand era também um político:

O que se tem, na verdade, aqui, é a inserção desta personalidade híbrida [Assis Chateaubriand], complexa, no cenário político brasileiro no período de 1924 a 1968 através deste arcabouço técnico. Foi, antes de mais nada, e acima de tudo, um político com P grande, como afirmou acertadamente João Calmon. Um político que se expressou no jornalismo e na reportagem, no texto polemista, nas campanhas cívicas que promoveu na difusão da cultura e entretenimento, em decorrência da leitura que foi capaz de fazer do país e suas necessidades, e das potencialidades da nação num tempo de crise.<sup>65</sup>

Os *Diários Associados* refletem os valores pessoais de Chateaubriand, sendo obra deste, “Inspira-se ainda da (e)visão de um Brasil industrial, capitalista, democrático e aliado do Ocidente”.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> SANTOS, Roberta Lisana Rocha. O ANTICOMUNISMO NOS ESCRITOS DE ASSIS CHATEAUBRIAND PARA AS PÁGINAS DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS NA BAHIA (1945-1947). VIII Encontro Estadual de História da Anpuh-BA, 2016. Disponível em: [http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477689946\\_ARQUIVO\\_OANTICOMUNISMO\\_NOS\\_ESCRITOS\\_DE\\_ASSIS\\_CHATEAUBRIAND\\_PARA\\_AS\\_PAGINAS\\_DO\\_DIARIO\\_DE\\_NOTICIAS.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477689946_ARQUIVO_OANTICOMUNISMO_NOS_ESCRITOS_DE_ASSIS_CHATEAUBRIAND_PARA_AS_PAGINAS_DO_DIARIO_DE_NOTICIAS.pdf). Acesso em: 30 jun. 2022, p. 3 do PDF (sem paginação original).

<sup>64</sup> WAINBERG, Jacques A. Império de Palavras. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 18.

<sup>65</sup> Ibid., p. 280.

<sup>66</sup> Ibid., p. 278.

Nesse sentido, devemos considerar a informação de que, sendo um típico “liberal-conservador”, as análises do processo revolucionário cubano no DP levaram em conta, antes de tudo, a sua ideologia, essencialmente anticomunista. Aqui, queremos dar evidência a tal informação por ela ser essencial para entendermos a posição ideológica que tomou o DP, quando se colocou em oposição ao governo cubano nos fins de 1959, assim como fizeram alguns outros órgãos de imprensa Brasil afora, especialmente os integrantes dos *Diários Associados*. Segundo Geanine

[...] a análise empreendida pelo jornal Diário de Notícias [também parte dos Diários Associados] sobre a Revolução Cubana assumiu um caráter fortemente ideológico, determinado pelo posicionamento político de Assis Chateaubriand, dono do grupo Diários Associados, de orientação conservadora, que, no cenário internacional marcado pela Guerra Fria, assumiu o tom de defesa do capitalismo, auxiliando, por conseguinte, na defesa dos interesses norteamericanos.<sup>67</sup>

Assis Chateaubriand teve papel importante em vários momentos da política brasileira, como por exemplo na construção da Aliança Liberal, que inaugurou um novo tempo na vida política do Brasil e transformou a república do “café-com-leite” no Estado Novo. Nesse caso, “o envolvimento e apoio de Chateaubriand à formação da Aliança Liberal teve como ancestralidade sua direta amizade com Getúlio Vargas[...]”<sup>68</sup>. Influente, Chateaubriand foi importante para a consolidação do capitalismo no Brasil.

A Aliança Liberal saiu vitoriosa dos processos políticos de 1930. Porém, já a partir de 1932, as posições tomadas por Chateaubriand e pelos *Diários Associados* foram de críticas a Vargas e ao governo, incluindo, por isso, o apoio à Revolução constitucionalista do mesmo ano<sup>69</sup>. Entretanto, mesmo apresentando oposição direta a Vargas desde 1932, quando apoiou a Revolução Constitucionalista, o empresário sempre conseguiu reconciliar-se, dado que Vargas, por sua vez, sabia da importância da cadeia de jornais para o regime em vigor.”<sup>70</sup>

De certo, a oposição que Chateaubriand e os *Diários Associados* fizeram a Getúlio Vargas sofreu mudanças ao passar do tempo. Sobre isso, discorre Paulo Jorge Correia Campos:

Contudo, após a imposição do Estado Novo, a reação de Chateaubriand, seguido de outros aliados na imprensa, foi de indignação (LEVINE, 2004:104). Em seguida, os

<sup>67</sup> SABADINI, Geanine. Uma ilha na imprensa brasileira: o olhar do jornal Diário de Notícias (RS) sobre a revolução cubana. Monografia - Universidade Federal da Fronteira Sul. Rio Grande do Sul, 2014, p. 52.

<sup>68</sup> MATOS, Júlia Silveira. Caminhos entrecruzados: liberdade e democracia em Sérgio Buarque de Holanda e Assis Chateaubriand. Revista de História, Rio Grande, v. 1, n. 3, p. 77-89, 2010, p. 80. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/index.php/hist/article/viewFile/2343/1238>> Acesso em: 30 jun. 2022.

<sup>69</sup> A Revolução Constitucionalista de 1932 foi um confronto armado entre forças oposicionistas ao governo de Getúlio Vargas.

<sup>70</sup> CAMPOS, Paulo Jorge Correia. Repressão e tortura no lead – A participação dos Diários Associados contra o consenso de uma memória oficial do primeiro governo Vargas (1945-1950). XXVI Simpósio Nacional de História - Anais Simpósios ANPUH, 2011, p.2. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548856708\\_944530986f5c220c8e0513c323851780.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548856708_944530986f5c220c8e0513c323851780.pdf). Acesso em: 30 jun. 2022.

*Diários Associados* passaram a receber um rigoroso controle por parte do governo. Assim, suas publicações tenderam a não encontrar outro caminho a não ser o do apoio a Vargas, por sobrevivência; dado que a censura, que sempre marcou presença neste governo se intensificou sobremaneira após o Golpe.<sup>71</sup>

Com as crises que se instalaram no Estado Novo e com a chegada do processo de reabertura democrática, “no início de 1945, com as adversidades no DIP<sup>72</sup>, os *Diários Associados* passaram a defender firmemente o retorno democrático”<sup>73</sup> e nos anos 1950, quando Vargas foi Presidente da República, agora não por um golpe, mas por vias eleitorais, Assis Chateaubriand fez oposição à Vargas se colocando ao lado do Carlos Lacerda, o principal opositor do trabalhista.

Outro processo político importante no qual Assis Chateaubriand e os *Diários Associados* tiveram relevante influência foi o golpe militar de 1964. Defendendo alguns aspectos do regime, Chateaubriand escreve no DP apenas alguns dias após o golpe:

Todos nós, que afinamos ideologicamente com o governo, experimentamos um constrangimento natural em contrariá-lo. [...] O Estado de 1 de abril não comporta divergência, em pontos essenciais, da parte daqueles que contribuíram para projetar o barro que aí temos, e com o qual vamos trabalhar. No planejamento da estrutura que se pretende elaborar cumpre não perder de vista a unidade do grupo responsável pela jornada emancipadora. Vê-se que os comandos, civil e militar, entregaram o governo a dois homens de qualidade. [...] Combater atitudes deste governo não custará pouco àqueles que sabem as dificuldades pelas quais se passaram, nestes últimos agoniados anos. [...] a quem beneficiará nosso desentendimento, senão de maneira primordial o adversário que esta fabulosa solidariedade, povo, Exército e partidos democráticos deitou por terra?<sup>74</sup>

Está evidente que, pelo menos nos primeiros momentos do golpe militar e do regime que se instaurou no país, Assis Chateaubriand se colocou em defesa deste, pois este regime militar era o “que tantas esperanças lhe despertara”<sup>75</sup>. Entretanto, Chateaubriand pressiona o governo militar para que rapidamente seja feito o rompimento das relações com Cuba. O Brasil manteve vínculos com a Ilha e reconheceu o governo formado após a Revolução Cubana. Além disso, a política externa brasileira independente de fins dos anos 1950 e começo dos anos 1960 incomodava o jornalista:

Consideramos, entretanto, a demora em resolver o caso cubano de tal modo vital para a situação do Brasil, em face do continente, que não hesitamos, para proveito do governo em descer à arena e pôr em foco as graves implicações da missão brasileira diante do banditismo fidelista. [...] o que está acontecendo na América do Norte não faz surpresa. A carta de professores americanos ao “Times” contra a revolução

<sup>71</sup> Ibid., p. 3.

<sup>72</sup> O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi um órgão criado durante o Estado Novo que tinha como uma das suas atribuições cuidar da propaganda do regime.

<sup>73</sup> CAMPOS, , *op. cit.*, p. 1.

<sup>74</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. Uma Sentença de Bronze. Diário de Pernambuco, Recife, Primeiro Caderno, p. 4, 03/05/1964.

<sup>75</sup> WAINBERG, Jacques A. Império de Palavras. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 281.

brasileira é o que mais se deveria esperar de uma opinião pública, capaz das reações mais contraditórias. O que os catedráticos de Brandeis e de Harvard escreveram contra o presidente e o secretário de Estado, porque reconheceram o novo governo aqui, basta ler os nomes dos signatários para encontrar, entre eles, o mesmo núcleo da esquerda [...] Mais de 60 professores de universidades americanas, de maior prestígio intelectual, publicaram como matéria paga, nas colunas da imprensa do país um manifesto de apoio a Fidel Castro. [...] Qual nosso dever, desde a primeira hora, sobretudo quando o Departamento de Estado e a Casa Branca se apressaram em reconhecer a nova ordem de Brasília? Romper com Havana e por duas razões fundamentais. Porque Castro é um pau podre dentro do sistema americano. Porque nos corria a obrigação de dar cobertura aos amigos fiéis de Washington, os quais precipitaram o nosso reconhecimento.<sup>76</sup>

Para Jacques A. Wainberg:

E, como afirma Francisco Welffort, “*embora jornais, emissoras de rádio e TV não fossem partidos, como se pareciam.*” [...] devido à capacidade de mobilização que possuíam num país ainda tenuemente marcado pela mídia eletrônica. Com a emergência da radiofonia e da televisão, a capacidade desta rede de iluminar fatos e personalidades aumentou. Por isso, os Associados foram o “partido” privado de Chateau e, por consequência, a emergência de um conglomerado desse porte não poderia passar despercebido aos atores da cena pública.<sup>77</sup>

Com todo esse envolvimento político, é natural que os interesses de Assis Chateaubriand apareçam nos jornais que compunham os *Diários Associados*. O DP inclui as opiniões de Chateaubriand em seus textos, sejam eles assinados por ele ou não, porque “Assis Chateaubriand, consolidada [sua obra] nos Diários e Emissoras Associadas, são fruto de uma era na qual praticava-se o jornalismo do editor. Nele, sobressai a voz do chefe.”<sup>78</sup>:

A obra de Chateaubriand consolida-se nos *Diários e Emissoras Associadas* que [...] é fruto de uma era em que se praticava o *jornalismo do editor*. Isso quer dizer que a voz do chefe é o imperativo, os veículos de comunicação são extensão dos interesses, das ideias, ideologias e desejos de seus donos. O que culminou em uma forma pessoal de fazer jornalismo e política.<sup>79</sup>

Dessa forma,

Essas são evidências de que os veículos são extensão de seus interesses, de suas ideias e projetos, ideologia e desejos. Ao contrário do contemporâneo *jornalismo do leitor*, onde prepondera o marketing e a visão de satisfazer plenamente as necessidades do consumidor [...] aquele praticado por [...] Chateau é prioritariamente uma caixa de ressonância de suas vozes (o editor como ator político). [...] faziam negócios movidos por motivos não-econômicos (mais poder, chantagem política, área de influência, apoio a candidatos servís, etc.)<sup>80</sup>

<sup>76</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. Uma Sentença de Bronze. Diário de Pernambuco, Recife, Primeiro Caderno, p. 4, 03/05/1964.

<sup>77</sup> WAINBERG, *op. cit.*, p. 280.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>79</sup> DIAS, Bibiana Soldera. A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olhar de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista O Cruzeiro. IX Encontro Estadual de História - Seção RS - Vestígios do Passado: A história e suas fontes, 2008. Disponível em: [http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212363845\\_ARQUIVO\\_TextoBibianaANPUHRS\[1\].pdf](http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212363845_ARQUIVO_TextoBibianaANPUHRS[1].pdf). Acesso em: 01 jul 2022, p. 2 do PDF, (sem paginação original).

<sup>80</sup> WAINBERG, *op. cit.*, p. 14.

Por isso, a maneira como estão postas as opiniões sobre Cuba no DP estão carregadas de ideologia anticomunista, isso porque “o jornalismo destas corporações, ao ser extensão mesma dos interesses e ideias de seus barões, constitui-se noutra forma de fazer política e uma política marcadamente pessoal.”<sup>81</sup> E por tais motivos, Chateaubriand esteve presente nos grandes acontecimentos da história política brasileira do século XX:

Foi durante a primeira metade do século passado que os *Diários e Associados* passaram a exercer seu domínio sobre a imprensa e inevitavelmente sobre a política do país. Anticomunista e germanófilo, Chateaubriand foi presença constante na política brasileira, desde a Primeira República até o Regime Militar.<sup>82</sup>

Por ser anticomunista, Assis Chateaubriand passou a acompanhar a evolução das posições políticas dos Estados Unidos sobre os assuntos para a América Latina e a defende-las. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o conseqüente conflito entre Estados Unidos e União Soviética, era natural que essa postura fosse marcadamente favorável às pretensões dos EUA:

Sempre “em guarda contra o perigo vermelho” o proprietário do *Diário* se empenharia em apresentar o teor anticomunista em seus artigos, fosse qualquer a temática que o mesmo estivesse ali tratando. O autor, continuamente procurava abordar os perigos que a Rússia Soviética poderia trazer a nações “livres e democráticas” tendo em vista seus objetivos imperialistas do pós-guerra, ou ainda, a ameaça que o PCB constituía a sociedade brasileira, visto que, procurava fragilizar as “nossas instituições democráticas” por meio da desordem e do ódio.<sup>83</sup>

O anticomunismo de Assis Chateaubriand é refletido nos textos analisados do periódico para este trabalho. Esses textos do empresário e político legitimam a sua defesa da democracia aos moldes estadunidense e também reforçam a sua orientação pessoal que estava em consonância com a política externa dos Estados Unidos para a América Latina. Trata-se de um projeto de contenção do avanço do comunismo em cadeia internacional.

Da mesma forma, é possível perceber que, para além do anticomunismo velado, o DP adota como modelo as ideias de civilização e democracia estadunidenses. Em suma,

Ao tratar essa relação estabelecida entre comunismo e americanismo, é importante salientar que a URSS, os comunistas e o comunismo nos escritos de Chateaubriand durante o cenário pós-guerra estiveram atrelados a uma visão de mundo norte-

<sup>81</sup> Ibid., p. 16.

<sup>82</sup> DIAS, Bibiana Soldera. A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olhar de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista O Cruzeiro. IX Encontro Estadual de História - Seção RS - Vestígios do Passado: A história e suas fontes, 2008. Disponível em: [http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212363845\\_ARQUIVO\\_TextoBibianaANPUHRS\[1\].pdf](http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212363845_ARQUIVO_TextoBibianaANPUHRS[1].pdf). Acesso em: 01 jul. 2022, p. 2 do PDF, (sem paginação original).

<sup>83</sup> SANTOS, Roberta Lisana Rocha. O ANTICOMUNISMO NOS ESCRITOS DE ASSIS CHATEAUBRIAND PARA AS PÁGINAS DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS NA BAHIA (1945-1947). VIII Encontro Estadual de História da Anpuh-BA, 2016. Disponível em: [http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477689946\\_ARQUIVO\\_OANTICOMUNISMO\\_NOS\\_ESCRITOS\\_DE\\_ASSIS\\_CHATEAUBRIAND\\_PARA\\_AS\\_PAGINAS\\_DO\\_DIARIO\\_DE\\_NOTICIAS.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477689946_ARQUIVO_OANTICOMUNISMO_NOS_ESCRITOS_DE_ASSIS_CHATEAUBRIAND_PARA_AS_PAGINAS_DO_DIARIO_DE_NOTICIAS.pdf). Acesso em: 30 jun. 2022, p. 3 do PDF, (sem paginação original).

americana, sendo esta considerada como a “pátria da democracia”, da “ordem” e da garantia das “liberdades individuais”.<sup>84</sup>

Consequentemente, Cuba foi pressionada no DP a adotar os conceitos de liberdade estadunidenses, especialmente porque a Revolução que derrubou a ditadura de Fulgêncio Batista foi um movimento com participação de todas as classes sociais, que mostrou a fadiga de um povo que viveu a colônia dentro da República e por isso deveria respeitar sua vocação ampla e adotar os preceitos da verdadeira democracia, a estadunidense.

A partir do momento em que o governo revolucionário começou a se estabelecer mais à esquerda e foi desapropriando as propriedades estadunidenses em Cuba, bem como realizando uma série de reformas políticas e sociais na Ilha, os desentendimentos com os Estados Unidos foram amplificando-se e Cuba foi afastando-se dos preceitos democráticos exigidos pelo capitalismo estadunidense e seus patronos.

A caça aos comunistas e ao comunismo é resultante da bagunça criada pela Guerra Fria e pelo cálculo político elaborado pelos Estados Unidos. Desse modo, o anticomunismo de Chateaubriand não era apenas uma posição pessoal mas também um dos mecanismos essenciais para manter a hegemonia estadunidense no hemisfério:

Ao pensarmos o anticomunismo defendido por Chateaubriand em seus jornais, é importante considerar que este não se constituiu simplesmente um ódio pessoal aos comunistas, mas, fez parte de um projeto de sociedade defendido por setores anticomunistas internacionais.<sup>85</sup>

Com as informações acima, já podemos imaginar que, a partir dos anos 1960, no DP, a imagem de Cuba seria desenhada pelos moldes anticomunistas, tão requeridos pelos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria e tão marcadamente intrínsecos à personalidade de Chateaubriand.

### 3.2 INTRODUÇÃO ÀS POSTURAS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA: DO APOIO COMEDIDO À OPOSIÇÃO

Primordialmente, o DP repercute os assuntos referentes a Revolução Cubana desde 1953. Carregando o peso de ter Assis Chateaubriand como proprietário, o jornal vai tratar de temas políticos que envolvem a América Latina e o mundo, mas tende a priorizar assuntos do hemisfério ocidental, assinalando sua defesa da democracia aos moldes estadunidenses.

<sup>84</sup> Ibid., p. 8 do PDF, (sem paginação original).

<sup>85</sup> Ibid., p. 10 do PDF, (sem paginação original).

O DP buscou respostas às perguntas sobre o caráter ideológico do movimento revolucionário cubano, além de fazer o mesmo com a figura de Fidel Castro. Entretanto, já era praticamente unânime no hemisfério ocidental que Fulgêncio Batista era um ditador e que “Batista corrompeu, e empestou o ambiente; desorganizou a vida da nação.”<sup>86</sup> E “a imprensa em todo o continente vinha sendo esmagadoramente antiBatista, criticando qualquer evidência de suporte a seu regime”<sup>87</sup>

A ditadura de Fulgêncio Batista, entre 1952 e 1959, aprofundou os problemas sociopolíticos e econômicos da Ilha:

57% da população era urbana e 43% era rural. [...] somente 35% da população contava com água potável e apenas 28% com instalações sanitárias dentro de casa. [...] O censo agrícola de 1946 revelava uma forte concentração de renda da propriedade: 114 propriedades agrícolas representavam 0,1% do número total de propriedades existentes, compreendendo, no entanto 20% da terra. E 8% do total de estabelecimentos agrícolas correspondiam a 71% de toda terra. Em contrapartida, as propriedades com menos de 10 hectares, as quais representavam 39% do total, compreendiam apenas 3,3% das terras. Nesse processo de concentração de terra nas mãos de poucos, o capitalismo americano desempenhou papel preponderante. Assim, em 1905 havia em Cuba 13 mil colonos norte-americanos proprietários de terras avaliadas em 50 milhões de dólares. [...] Em 1953, Cuba constituía o terceiro país latino-americano em importância para os investimentos norte-americanos, depois da Venezuela e do Brasil. Assim, a miséria, a insalubridade, o elevado índice de mortalidade infantil não pode ser atribuído exclusivamente aos ditadores que governaram Cuba, mas também ao capital norte-americano que sustentou essas ditaduras e explorou a economia do país.<sup>88</sup>

Nesse contexto de caos, era claro que a Revolução Cubana poderia ser vista com esperança por vários setores da sociedade, isso porque o MR26J angariou a simpatia de vários segmentos da sociedade cubana:

Fidel ganhou porque o regime de Batista era frágil, sem nenhum apoio verdadeiro, exceto aquele motivado por conveniência e interesse próprio, e liderado por um homem que se tornara preguiçoso graças a uma longa corrupção. Ele tombou assim que a oposição de todas as classes políticas, da burguesia democrática aos comunistas, se uniu contra ele e quando os próprios agentes, soldados, policiais e torturadores do ditador concluíram que seu tempo acabara. Fidel provou que havia realmente acabado e, naturalmente, suas forças herdaram o governo.<sup>89</sup>

O próprio Ernesto ‘Che’ Guevara, um dos líderes da Revolução, reconhece que parte da burguesia estava a favor da guerra revolucionária desencadeada pelos guerrilheiros e que esta foi importante para a queda da ditadura fulgencista. Sendo assim, “a figura do tirano,

<sup>86</sup> FERNANDES, Aníbal. Momento Internacional. Diário de Pernambuco. Recife, p. 4, 19/07/1959.

<sup>87</sup> TURAL, Thais Rosalina de Jesus. A sacralização da revolução: festas religiosas, igreja católica e Estado em Cuba (1953-1970). 2018. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018, p. 37.

<sup>88</sup> BRUIT, Héctor H. Revoluções na América Latina In: Discutindo a História. São Paulo: Atual, 1988, p. 63-65.

<sup>89</sup> HOBBSAWM, Erick. Viva la revolución: A era das utopias na América Latina. Tradução de Pedro Maia Soares. – 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 299.

encarnando todo o poder opressor, possibilitou a formação de uma verdadeira frente nacional de libertação.”<sup>90</sup>. Certamente a união em torno da derrubada da ditadura logrou legitimidade internacionalmente a Fidel Castro e a seus companheiros revolucionários, tendo em vista que os países do hemisfério reconheceram, mais tarde, o governo revolucionário.

Portanto, a figura de Batista e a continuação da ditadura se tornaram um problema não só para Cuba como para o hemisfério ocidental. Quando os Estados Unidos deixaram de apoiar a ditadura fulgencista, a vitória dos revolucionários despontou como inevitável. Nesse sentido, a postura do DP foi simbioticamente se transformando quando comparamos a pré-revolução com o pós-revolução, acompanhando as posturas políticas dos EUA em relação à Cuba. Essa mudança pode ser vista em outros jornais do Brasil que faziam parte dos *Diários Associados*, como é o caso do Diário de Notícias do Rio Grande do Sul.

A postura desses periódicos acompanhou a evolução política do contexto na Ilha, influenciada pela Guerra Fria e pelas noções de democracia e liberdade estadunidenses, essencialmente liberais. À vista disso, o tratamento para com a Revolução Cubana, seus líderes e desdobramentos é especificamente menos hostil em meados de 1958 e no começo de 1959 e mais hostil a partir dos anos 1960, como veremos no terceiro capítulo deste trabalho.

Essas mudanças de postura se colocaram no campo das ideologias. Sendo Assis Chateaubriand um praticante do jornalismo de editor, as publicações nos periódicos tendem a se homogeneizar em torno da sua postura política pessoal, não havendo uma abertura ao contraditório ou às opiniões plurais. Isso significa dizer que quem escrevia no jornal eram pessoas que tinham afinidade com a ideologia do DP. No período analisado, até os artigos de opinião e as manchetes que não foram assinadas por Chateaubriand estavam em concordância com a postura do mesmo.

O DP seguiu a cartilha anticomunista estadunidense demonstrando que defendia o mundo livre contra a ameaça soviética. Não é incomum encontrar artigos, reportagens e textos que faziam alusão à benevolência dos EUA. Destarte, essa era a abordagem do DP: defesa das ideias de democracia estadunidense, horror à ditaduras, demonização da União Soviética e anticomunismo.

A Revolução Cubana foi abordada pelo DP, no início, com um apoio muito cauteloso, pois o caráter do governo revolucionário e os possíveis elementos comunistas eram fatores

---

<sup>90</sup> BRUIT, *op. cit.*, p. 69.

preocupantes. Contudo, a postura do jornal era esperançosa, pois a ausência da ditadura de Fulgêncio Batista significou uma chance para a redemocratização em Cuba. Entretanto, essa noção foi gradativamente se esvaindo e dando espaço a uma oposição maniqueísta a Fidel Castro e ao processo que levou Cuba ao socialismo à medida que os Estados Unidos puseram em prática sua oposição.

É importante salientar que as publicações no periódico nunca abriram espaço para opiniões divergentes. A maioria dos textos utilizados para compor este trabalho não possuem assinantes. Entretanto, alguns colaboradores como Aníbal Fernandes<sup>91</sup> apareceram com frequência nas páginas do DP. Além de Fernandes, usamos um texto de Austregésilo Athayde<sup>92</sup> e um outro da Sociedade de Estudos Interamericanos. A Tabela 1 apresenta o número de fragmentos textuais utilizados e seus respectivos autores.

Tabela 1 - Relação de fragmentos textuais analisados

<b>Assinantes</b>	<b>Número de fragmentos textuais</b>
Sem Assinatura	13
Aníbal Fernandes	11
Assis Chateaubriand	2
Austregésilo Athayde	1
Sociedade de Estudos Interamericanos	1

Fonte: autoria própria (2022).

Esses fragmentos são de grande relevância porque evidenciam o exercício de defesa hegemônica da democracia liberal que o periódico prestou. Tais textos ajudam a compreender as diferentes posturas tomadas pelo DP durante o período analisado e mostram que a ideologia anticomunista de Assis Chateaubriand era o ponto de partida para as análises políticas do jornal.

<sup>91</sup> Aníbal Fernandes foi um político e jornalista, além de membro da Academia Pernambucana de Letras e do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Segundo Maria do Carmo Gomes de Andrade, bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Fernandes foi preso durante a violenta campanha para Presidente do Brasil em 1945 porque o Diário de Pernambuco responsabilizou o governo ditatorial de Getúlio Vargas pela morte do estudante Demócrito de Souza Filho, que foi atingido por um tiro enquanto discursava na sacada da sede do jornal. A circulação do periódico foi suspensa voltando a ser permitida em 9 de abril. Em maio do mesmo ano Fernandes foi efetivado como diretor do DP, cargo que ocupou até sua aposentadoria em 1949.

<sup>92</sup> Austregésilo de Athayde foi um jornalista e professor que presidiu a Academia Brasileira de Letras entre 1959 e 1993. Foi convidado por Assis Chateaubriand para assumir a direção do periódico “*O Jornal*”, que depois deu origem aos *Diários Associados*. Participou ao lado de Chateaubriand da Revolução Constitucionalista de 1932 e por isso foi preso e exilado. Em 1953 passou a ser conferencista na Escola Superior de Guerra (ESG).

### 3.3 A PRIMEIRA POSTURA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA (1959)

A frente nacional de libertação que derrubou a ditadura de Fulgêncio Batista foi vista com esperança nas publicações do Diário de Pernambuco, no final de 1958 e em parte de 1959. Para o DP, as expectativas eram a de que Cuba retornaria à normalidade democrática comum ao hemisfério ocidental. A Revolução que expulsou Fulgêncio Batista do poder em Cuba não foi só elogiada como também colocada como exemplo para a situação pernambucana:

Fidel Castro desencadeou em Cuba a guerra total, para desmontar do poder o usurpador Batista. Chegou a hora de fazer-se o mesmo, aqui, para arrear de uma vez da cena um partido, que só tem em seu ativo espancamentos, surras e morte de um homem; e acima de tudo, o jogo do bicho oficializado.<sup>93</sup>

Nesse trecho, Aníbal Fernandes, convicto liberal e recorrente editor no Diário de Pernambuco, fez uma crítica ao Partido Social Democrático (PSD) que governava Pernambuco na época. O DP era oposição ao governador Osvaldo Correio de Farias e tomou como exemplo positivo a experiência revolucionária cubana. Esse trecho reflete a influência positiva da Revolução na Ilha, no hemisfério e especialmente no Brasil.

Entre 1958 e parte de 1959, o jornal exaltou a experiência revolucionária cubana sem deixar de demonstrar interesse na preocupação acerca do caráter ideológico dos elementos que constituíram o processo revolucionário. Essa era também a preocupação dos Estados Unidos, que se coloca em postura de alerta:

O periódico “Wall Street Journal” publica editorial que diz antes que Fidel Castro seja proclamado salvador do povo cubano, seria conveniente recordar que o tirano Batista também uma vez combateu a opressão. É uma lição da História que muitos homens que alcançam elevadas posições ignoram, ao final, quando são tentados pelo poder. Talvez Castro saiba aproveitar a experiência de seu predecessor. Batista não aprendeu a lição que ele mesmo ensinou.<sup>94</sup>

Ao decorrer do período de tempo analisado, o DP foi se alinhando ao discurso dos Estados Unidos em relação à Cuba e aos processos de transformação na Ilha. De certo, aclarar as ideologias que estiveram inseridas no MR26J e, posteriormente, no governo revolucionário, eram essenciais. Assim, houve a preocupação em mostrar que as principais figuras da Revolução não eram comunistas:

Embora radicais, Fidel e seus companheiros não eram comunistas e nem mesmo (com duas exceções) afirmavam ter simpatias marxistas. Na verdade, o Partido Comunista de Cuba, [...] foi notavelmente hostil, até que partes dele se juntou a Fidel um pouco

<sup>93</sup> FERNANDES, Aníbal. A Resposta à Imposição. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 09/04/1958.

<sup>94</sup> Lição Da História: Herói, Hoje, Ditador, No Futuro: PARALELO ENRE FIDEL CASTRO E F. BATISTA. Jornal de Nova York, comentando a vitória da revolução em Cuba, lembra que Batista, tentado pelo poder, não aprendeu a lição. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 07/01/1959.

tarde em sua campanha. As relações entre eles eram nitidamente frias. Os diplomatas e conselheiros políticos norte-americanos debateram muito se o movimento era ou não pró-comunista – se fosse, a CIA, que já havia derrubado um governo reformista na Guatemala em 1954, saberia o que fazer –, mas concluíram que não era.<sup>95</sup>

Os marxistas e os partidos comunistas influenciaram os debates políticos desde o início do século XX, na América Latina. Suas posições e ações foram orientadas a partir das resoluções da Internacional Comunista, e esta era ligada às resoluções de Moscou. Geralmente, as orientações que vinham da Internacional eram de aliança com a burguesia nacional para desenvolver o capitalismo internamente, portanto, dificilmente uma resolução de ação revolucionária seria colocada como opção viável. Isso explica o desentendimento entre o Partido Social Popular (PSP) e o Movimento 26 de Julho.

As indagações sobre o caráter ideológico de Fidel Castro, líder da Revolução, eram uma preocupação constante. Inicialmente, era comum até mesmo para os próprios revolucionários afastarem as acusações de que Fidel Castro era comunista: “O DIRIGENTE REVOLUCIONÁRIO Ernesto Guevara, médico argentino, um dos principais comandantes das forças de Fidel Castro, declarou em uma entrevista à imprensa, que é muito **esquerdista**, porém não é comunista.”<sup>96</sup>

Em destaque para o título “Fidel Castro Diz Que Não É Comunista E Que O Comunismo Não Terá Êxito Em Seu País”, o Diário de Pernambuco noticia que Fidel Castro declarou que não era comunista:

O primeiro ministro de Cuba Fidel Castro manifestou, hoje, aos dirigentes da Comissão de Relações Exteriores do Congresso, que não é comunista e que o comunismo não tem perspectiva de êxito em Cuba.<sup>97</sup>

Esta questão do caráter ideológico discutida exaustivamente entre as publicações do DP, jornais dos Estados Unidos e principalmente entre os funcionários de Washington, é ímpar. Inicialmente, o governo revolucionário não era socialista. Quando Fidel Castro foi preso, em 1953, após o assalto ao quartel Moncada, escreveu um documento conhecido como “*A história me absolverá*” que, segundo Chomsky,

O documento também esboçou um projeto revolucionário. Castro invocou os cubanos desempregados, os camponeses e trabalhadores rurais, e os profissionais urbanos para quem a corrupção política fechava todas as oportunidades. Ele apresentou cinco “leis revolucionárias” que os revolucionários de Moncada pretendiam implantar:

<sup>95</sup> HOBBSAWM, Erick. *Viva la revolución: A era das utopias na América Latina*. Tradução de Pedro Maia Soares. – 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 299-300.

<sup>96</sup> O Novo Governo Cubano Iniciou A árdua Tarefa De Salvar O País: Fidel Castro já está em divergência com o Diretório Revolucionário. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 11/01/1959.

<sup>97</sup> Fidel Castro Diz Que Não É Comunista E Que O Comunismo Não Terá Êxito Em Seu País. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 18/04/1959.

restauração e implantação da Constituição de 1940, uma reforma agrária que colocasse a terra nas mãos daqueles que a cultivam, a obrigação dos empregadores de dividir os lucros com os trabalhadores, mercados garantidos para os pequenos fazendeiros de açúcar, e confiscação de todas as empresas obtidas por fraude e corrupção. Todas essas leis revolucionárias, destacou ele, baseavam-se na própria Constituição, a qual restringia grandes latifúndios e proporcionava direitos trabalhistas.”<sup>98</sup>

Ou seja, o programa de governo que foi adotado pela coalizão que chegou ao poder em 1959 foi o projeto político que Fidel Castro escreveu, obedecendo à constituição do país. O caráter constitucional do programa posiciona o governo revolucionário, inicialmente, em consonância com boa parte dos movimentos da América Latina, os quais, dentro da legalidade, buscavam a ampliação de direitos e de justiça social. A diferença entre Cuba e os últimos é que, enquanto a maioria desses tentavam chegar ao poder pelas vias eleitorais, na Ilha, isso foi feito com o uso da violência por meio da guerrilha.

Desde que a Revolução foi vitoriosa, as relações com os Estados Unidos se tornaram complexas, porque os estadunidenses não estavam preocupados apenas com as propriedades e investimentos que mantinham na Ilha, desde que a independência da Espanha foi concretizada; também havia interesse econômico na mesma. Cuba era considerada o “quintal dos Estados Unidos”, afinal

Os Estados Unidos tinham nessa ilha interesses diretos, que não eram meramente econômicos, relacionados com o açúcar e o tabaco. Seus interesses eram igualmente estratégicos. A posse de Cuba, [...] era percebida como fundamental para a segurança das rotas no Golfo do México e a defesa do canal que o governo norte-americano, quase 50 anos antes, projetara abrir no istmo do Panamá.<sup>99</sup>

E sobre a questão de interesse econômico, escreve Chomsky:

Embora os pronunciamentos públicos dos EUA sobre a Revolução Cubana dessem destaque à questão do “comunismo”, um olhar atento à correspondência interna do governo norte americano da época mostra uma preocupação um tanto diferente. Nos primeiros anos da revolução, as questões de influência soviética, direitos humanos ou ameaça militar aos Estados Unidos raramente vinham à tona na correspondência diplomática norte-americana. Em vez disso, a preocupação do Departamento do Estado dos EUA e dos diplomatas *in loco* era o tipo de políticas econômicas que Cuba adotaria e como as empresas norte-americanas em Cuba seriam afetadas.<sup>100</sup>

A preocupação com o caráter ideológico do governo certamente foi acentuada por causa da Guerra Fria e estava relacionada com a defesa do modelo de acumulação capitalista. O esperado era que Cuba adotasse políticas econômicas, em consonância com o projeto de

<sup>98</sup> CHOMSKY, Aviva. História da Revolução Cubana. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Editora Veneta, p.43, 2015.

<sup>99</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. De Martí a Fidel: A revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Edição Kindle, cap. I.

<sup>100</sup> CHOMSKY, Aviva. História da Revolução Cubana. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Editora Veneta, 2015, p.50.

hegemonia capitalista e liberal representado pelos Estados Unidos. Essas características, além de gerir as relações entre Cuba, Estados Unidos e, por consequência, a América Latina, também influenciaram a postura política nos textos publicados pelo DP.

Dentro dessa lógica, é interessante observar, no discurso do Diário de Pernambuco, que o periódico está alinhado à ideologia liberal estadunidense e o quanto faz defesa da mesma, pois Assis Chateaubriand era um defensor da democracia “à americana”. Na maioria das vezes, as questões sobre Cuba envolvem os Estados Unidos ou têm os Estados Unidos como principal agente. Essas características nos ajudam a entender que o DP foi seguindo as posições dos EUA sobre Cuba ao decorrer do período proposto neste trabalho.

Apesar das desconfianças dos Estados Unidos e da repercussão destas no DP, inicialmente, o periódico mostra-se timidamente favorável à chegada da Revolução Cubana. Romantizando a figura de Fidel Castro, o DP criou a expectativa de que o governo revolucionário se enquadraria ao padrão da democracia liberal, da qual os Estados Unidos eram o principal expoente. A maneira como o periódico trata Fidel Castro, exortando biograficamente seus feitos políticos, comprova a inclinação favorável do jornal ao processo revolucionário:

Pesando 90 quilos, medindo mais de 1.80 de altura, Fidel Castro, aos 32 anos de idade, tornou-se legendário por seu arrojo e determinação. [...] Sem necessidade de exercer a advocacia, fê-lo, todavia, para defender injustiçados e, em 1952, foi indicado para o Parlamento, na chapa de oposição a Batista. [...] Fidel Castro esteve preso até 1955, quando foi decretada a anistia para os presos políticos. Organizou então um grupo, cujo objetivo era derrubar o ditador. [...] No dia em que entraram em Havana, vencedores, os primeiros homens barbudos e fardados, a cidade delirou. A multidão ovacionava Fidel [...] estava cumprida a missão que se impusera. [...] A Cuba de Fidel Castro está agora livre do terror, foram restauradas as liberdades civis, e a corrupção parece estar-se extinguindo. O mundo livre espera que disto resulte a verdadeira democracia que o povo cubano merece.<sup>101</sup>

“A HISTÓRIA DE FIDEL CASTRO E DA LIBERTAÇÃO DE CUBA” é o título do fragmento da publicação acima. Em caixa alta, o título deixa implícito que a história de Fidel Castro se confunde com a história da libertação de Cuba. Nos fins de 1958 e partes de 1959, as publicações no DP estavam mostrando entusiasmo com o rumo da Ilha. A suposta e futura democracia liberal que deveria ter sido implantada, deixa explícito que a Revolução, para o DP, deveria fazer Cuba se unir ao mundo livre, democrático, liberal, enfim, ao progresso tão almejado pelo hemisfério ocidental.

O clima esperançoso de que a derrubada da ditadura iria trazer a democracia aos moldes liberais estadunidenses é claro, por exemplo, quando o jornal publica a matéria “FIDEL

<sup>101</sup> A HISTÓRIA DE FIDEL CASTRO E DA LIBERTAÇÃO DE CUBA. Diário de Pernambuco, Recife, 04/06/1959.

## CASTRO LUTOU CINCO ANOS PARA DERRUBAR F. BATISTA E RESTAURAR A DEMOCRACIA EM CUBA” legitimando a Revolução e dando ênfase ao apoio popular:

Fidel Castro, chefe rebelde cubano cujas táticas de guerrilha derrotaram as forças armadas de terra, mar e ar do governo do ex-ditador Fulgêncio Batista, foi recebido com uma estrondosa ovação pelos habitantes de Santiago de Cuba.<sup>102</sup>

Nesse contexto de boas relações com a Revolução, Fidel Castro chegou a visitar o Brasil em 1959, poucos meses após a Revolução, e foi recebido por várias personalidades de diferentes espectros políticos. Além do presidente Juscelino Kubitschek, o vice João Goulart e o então ministro de guerra Henrique Teixeira Lott, também esteve com Carlos Lacerda e Adhemar de Barros. Acerca da visita de Fidel Castro ao Brasil, o DP publica sobre a visita do revolucionário na embaixada brasileira:

O primeiro ministro cubano, Fidel Castro, foi convidado de honra em uma recepção oferecida, ontem à noite, na embaixada do Brasil nesta capital pelo embaixador Vasco Leitão da Cunha e sua esposa.<sup>103</sup>

Vasco Leitão da Cunha era anticomunista. Assumiu a pasta da Justiça e dos Negócios, em 1941, no Estado Novo. Também foi Secretário-Geral, em 1954 e 1961, além de embaixador, nesses anos. Na ditadura militar, foi Ministro das Relações Exteriores entre 1964-1965, e entre 1966 e 1968 chefiou a Embaixada brasileira em Washington. Todos esses aspectos nos ajudam a entender o quanto a imagem de Fidel Castro estava, neste momento, sendo respeitada por várias personalidades de espectros políticos diferentes.

Jânio Quadros, presidente do Brasil em 1961, conservador e de direita, visitou Cuba. Segundo Aviva Chomsky

Jânio Quadros por sua vez chegou a visitar Cuba, em abril de 1960, em meio à sua campanha de presidente. E encontrou-se com Che Guevara que, aparentemente, tinha a simpatia generalizada dos diplomatas brasileiros. O embaixador Vasco Leitão da Cunha (que depois seria ministro das Relações Exteriores da Ditadura Militar) se disse impressionado “com sua correção”: “um homem sério”, “magnífico, homem de palavra”. E outro diplomata brasileiro, José Maria Ruiz de Camboa, chegou a lamentar que o “comandante Guevara, sendo argentino, infelizmente para nós não é o Chanceler de Cuba.”<sup>104</sup>

A “simpatia” de personalidades políticas aos líderes da Revolução e o apoio dado ao governo revolucionário pelo DP pode ser compreendido como resultado da antipatia que a ditadura de Fulgêncio Batista causou entre vários segmentos da sociedade em Cuba e no mundo.

<sup>102</sup> FIDEL CASTRO LUTOU CINCO ANOS PARA DERRUBAR F. BATISTA E RESTAURAR A DEMOCRACIA EM CUBA. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 03/01/1959.

<sup>103</sup> Recepção a Fidel Castro. Diário de Pernambuco, Recife, sem paginação, 02/04/1959.

<sup>104</sup> CHOMSKY, Aviva. História da Revolução Cubana. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Editora Veneta, 2015, p. 12.

Isso se deu, certamente, pelo caráter amplo da Revolução. A ditadura fulgencista fez com que os olhares sobre a Revolução Cubana fossem inicialmente de esperança, apesar da desconfiança que alguns elementos no governo revolucionário causavam aos Estados Unidos. Sobre isso, concordamos com Sabadini em sua pesquisa sobre o Diário de Notícias do Rio Grande do Sul, quando ela diz que

Em todos os artigos analisados que tratam direta ou indiretamente sobre Cuba, o nacionalismo e o anti-imperialismo são os assuntos mais recorrentes. Nas reportagens do Diário de Notícias, no ano em que ocorreu a eclosão da Revolução Cubana, ficou claro o apoio dado aos “barbudos liderados por Fidel Castro”. Tendo derrubado uma ditadura despótica e sanguinária, eles representavam a esperança de democratização da ilha caribenha.<sup>105</sup>

Seja em artigos de opinião ou em textos informativos, o discurso do jornal é de total alinhamento com as ideias de democracia que emanaram dos Estados Unidos. Aníbal Fernandes escreveu sobre a crise instalada entre o presidente Manuel Urrutia, que foi presidente provisório do governo revolucionário em 1959, e Fidel Castro. No texto, o jornalista defende que Castro deveria, antes de tudo, estar alinhado aos interesses estadunidenses:

Parece que a renúncia de Fidel Castro não resultou de nenhuma pressão americana, como se poderia imaginar. [...] Aliás, o presidente Eisenhower havia declarado que não acusou Fidel de comunista; ou mesmo de criptocomunista. [...] Naturalmente, não serviria à causa da paz ou da comunidade americana que uma ponta de lança comunista se infiltrasse em Cuba ou em qualquer outro lugar do continente [...] O mundo hoje está dividido em zonas de influência. As nações não podem viver sozinhas, nem isoladas. [...] O fato de o sr. Fidel Castro estar querendo adotar no país uma reforma agrária, não quer dizer que ele esteja encaminhando a ilha para uma experiência marxista. [...] O próprio Fidel Castro, porém, é que deve ajustar-se nos melhores termos com os Estados Unidos; levando em conta que são o seu principal mercado consumidor. [...] Acontece, hoje, em Cuba o que aconteceu na Argentina e em outros países da América: a ditadura foi de tal modo nefasta, que afetou gravemente a nação. O que se vê num país adiantado, culto e rico como a Argentina, é sintomático. Os males causados pelo “peronismo” não são fáceis de curar. Assim, é em Cuba. Batista corrompeu, e empestou o ambiente; desorganizou a vida da nação.<sup>106</sup>

Essa crise se deu porque, segundo Emir Sader, o governo de coalizão que se formou após a vitória da Revolução era majoritariamente de oposição moderada à Batista e ocupava esses espaços por exigências formais. Entretanto, o poder era exercido pelo Exército Rebelde e pelo primeiro-ministro Fidel Castro. Logo as divergências apareceram:

Alegando que o presidente Urrutia constituía um obstáculo para a aplicação do programa do Moncada, Fidel pediu demissão em julho de 1959, o que provocou imediatamente – em meio a manifestações de apoio ao primeiro-ministro – a renúncia do presidente e sua substituição pelo advogado Osvaldo Dorticós Torrado, que passou a governar coordenadamente com Fidel, que reassumiu seu posto.<sup>107</sup>

<sup>105</sup> SABADINI, Geanini. Uma ilha na imprensa brasileira: o olhar do jornal Diário de Notícias (RS) sobre a revolução cubana. Monografia - Universidade Federal da Fronteira Sul. Rio Grande do Sul, p. 63, 2014.

<sup>106</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 19/07/1959.

<sup>107</sup> SADER, Emir. A Revolução Cubana. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992, p. 72.

As crises no início do governo revolucionário repercutiram no mundo todo. No DP, o que mais se observa é a discussão sobre o caráter da Revolução, do governo revolucionário, e, especificamente, de Fidel Castro, já que ele foi o chefe da Revolução e também Primeiro-Ministro. Houve, então, no DP, uma tímida defesa a Fidel Castro, apesar de ele estar tentando aplicar reformas que, naquele contexto de Guerra Fria, poderiam ser consideradas subversivas.

Não nos cabe aqui comentar sobre as reformas empreendidas pelo governo revolucionário, mas, em geral, as nacionalizações e/ou confisco de empresas estrangeiras, a proposta de reforma agrária e urbana e os famosos paredões aumentavam a especulação acerca do caráter – até então indefinido – do governo revolucionário, de Fidel Castro e de seus companheiros. Sob o título “Teme-se em Washington: Governo de Fidel Castro Caia Em Poder Do Comunismo”, o Diário de Pernambuco noticiava a preocupação dos Estados Unidos com relação ao contexto cubano:

Altos funcionários temem que o governo cubano do premier Fidel Castro esteja na iminência de ser dominado pelos comunistas. Esses funcionários disseram não acreditar que Fidel seja comunista, mas consideram que alguns dos seus recentes atos não poderiam servir melhor à causa comunista se fosse ele no caso membro ativo do Partido. Fontes diplomáticas que observam o turbulento cenário cubano acreditam que a inclinação do movimento de Fidel Castro para a esquerda deverá ser aguçada num futuro próximo. Estas fontes receiam que, em breve, haverá uma definição entre elementos moderados ainda colaborando com o Governo de Castro e a extrema esquerda liderada pelo irmão do primeiro-ministro, Raul Castro, e pelo comandante Ernesto Che Guevara.<sup>108</sup>

As advertências acerca do caráter ideológico do governo de Cuba tentam isentar Fidel Castro da acusação de ser comunista, mas deixam claro que existem quadros comunistas dentro do governo e que estes procuravam se infiltrar para dominar o comando da Ilha. Com efeito, o tímido apoio do DP à Revolução e ao governo revolucionário começa a perder fôlego enquanto as desconfianças e o tom de advertência ganham espaço e retórica nas folhas do periódico. Isso se deu porque a oposição dos Estados Unidos à Cuba se acentuou, e o DP acompanhou as mudanças nas posturas tomadas pela Casa Branca em relação à Ilha.

Tudo isso se apresenta nos fins de 1959, à medida que os embates entre os interesses revolucionários e os dos Estados Unidos vão se ampliando:

[...] Fidel Castro fez a revolução contra Batista; expulsou-o; mas não sabe governar. É um homem agitado; sem programa; que até hoje só tem sabido complicar as coisas. Vive a culpar os Estados Unidos de coisas imaginárias, quando os americanos se dão tão bem com os mexicanos e não querem complicações com os vizinhos. [...] A verdade é que Fidel Castro se acha atacado da mania de perseguição, acusando Deus e o mundo de persegui-lo e procura derrubá-lo do poder, com a conspiração

<sup>108</sup> Teme-se em Washington: Governo de Fidel Castro Caia Em Poder Do Comunismo. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 12/11/1959.

estrangeira. [...] Infelizmente, vemos que Castro continua falhando ao seu destino; e se soube derrubar Batista, não soube ainda fazer entrar o seu país num rumo de equilíbrio e bom senso. [...] <sup>109</sup>

Como falamos, o apoio dado à Revolução é tímido e comedido e durou entre 1958 – antes da tomada do poder pelos revolucionários – até antes das festas de fim de ano, em 1959. Ainda em 1959, já é possível perceber a mudança de postura que os textos no DP estavam prestes a mostrar nos anos seguintes. Sobre isso, Aníbal Fernandes, jornalista e editor do “*Momento Internacional*” no DP, relata:

Estamos nos aproximando de um ano do governo de Fidel Castro, em Cuba, e infelizmente não chegamos ainda à fase construtiva. [...] Cuba é uma ditadura; não se rege por princípios liberais. [...] <sup>110</sup>

Certamente, a desilusão de Aníbal Fernandes se deu por conta do contexto interno cubano. Os pelotões de fuzilamentos dos acusados de crimes na ditadura de Batista ou os agentes desta, as nacionalizações das empresas estrangeiras, os problemas com os Estados Unidos e principalmente a demora para convocar eleições gerais em Cuba, após um ano de governo revolucionário, foram, sem dúvida, os principais motivos para a mudança de postura do periódico.

Em dezembro de 1959 o que foi escrito nas páginas do DP sobre a atuação de Fidel Castro e do governo que foi costurado pós-revolução já não era mais esperançoso. Os conflitos resultantes das ações do governo revolucionário na Ilha iam de encontro ao perfil liberal e anticomunista dos Estados Unidos e do DP e deram base à nova posição que o periódico adotou, em concordância com as críticas dos EUA sobre Cuba, do fim de 1959 em diante.

#### **4 A MUDANÇA NA POSTURA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E A INCORPORAÇÃO DO DISCURSO CATÓLICO CONTRA A CUBA REVOLUCIONÁRIA (1960 E 1961)**

##### **4.1 A SEGUNDA POSTURA DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA: A OPOSIÇÃO DO PERIÓDICO AO GOVERNO EM CUBA (1960-1961)**

A partir de 1960, o que veremos é uma homogeneidade no discurso sobre política internacional no Diário de Pernambuco. Anteriormente, para o DP, Cuba estava prestes a enveredar pelos caminhos da democracia após a derrubada da ditadura, porém, o discurso

<sup>109</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 25/10/1959.

<sup>110</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 08/12/1959.

mudou à medida que Cuba evoluiu até o socialismo, especialmente após a oposição aberta que o governo dos Estados Unidos fez ao governo cubano em meados de 1960. Em muitos momentos, já a consideravam comunista antes mesmo do anúncio do caráter marxista do governo.

O processo revolucionário cubano ousou ir de encontro aos moldes liberais estabelecidos no ocidente. Por causa disso, o DP passou a se opor a qualquer medida que tomasse o governo de Fidel Castro. Em nenhum momento, durante o processo de análise dos textos no periódico, houve espaço para matérias ou opiniões que destoassem da lógica anticomunista e liberal estadunidense. A ofensiva do periódico contra Cuba era também a defesa dos interesses hegemônicos dos Estados Unidos e do “mundo livre”.

Em 1960, o Diário de Pernambuco parou de cobrar posturas democráticas de Fidel Castro. Isso se deu porque, diferente de antes – quando escrevemos que o DP acreditava que Fidel Castro não era comunista –, o DP passou a tratar Fidel Castro como comunista. Sendo assim, o periódico se preocupou em advertir o perigo que Cuba poderia representar para a ordem estabelecida. Nas publicações do DP, é possível perceber a intenção do jornal em provar que, de fato, Cuba já era um Estado comunista:

Um ex-organizador comunista declarou hoje que Cuba é a “Cabeça de ponte da qual o Comunismo Mundial lança sua invasão Ideológica da América Latina” [...] Acrescentou que sua estratégia “é encobrir as faltas de Fidel Castro e fazê-lo passar por um reformador agrário”.<sup>111</sup>

O que se lê nesse trecho é importante para remontar tudo o que escrevemos sobre a Guerra Fria. Nesse momento, em 1960, o governo cubano empreendeu tentativas de reformas nos principais sistemas públicos do país; tais reformas foram os principais motivos de acusação sobre o caráter ideológico do governo cubano no DP. Especialmente por causa da Guerra Fria, as reformas propostas pelo governo cubano eram radicais demais para o contexto bipolar.

Em Cuba, o projeto revolucionário tentou mudar as estruturas herdadas do passado colonial do país. A eliminação dos latifúndios, as campanhas de alfabetização e a reforma urbana foram exemplos do rompimento com um passado de atraso. Essas características, na lógica da anticomunista, foram consideradas subversivas por setores da sociedade e pela mídia hegemônica. Entretanto, a radicalização desses projetos e a adesão ao socialismo, em 1961, foi consequência da oposição dos Estados Unidos à tentativa de cumprimento da Constituição do país empreendida pela Revolução com as reformas.

---

<sup>111</sup> Cuba: Ponte Do Comunismo Na América Latina. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 06/01/1960.

Nas matérias que tratam de política no DP, as quais tinham o objetivo de fornecer informações ao leitor – e estas deveriam ser informações neutras –, a construção textual ou a estrutura argumentativa do texto deixa explícito que, para o periódico, o governo de Cuba é comunista e por consequência autoritário. Sendo Cuba um regime ditatorial, todo tímido apoio dado à Revolução no ano anterior é visto com arrependimento:

[...] Toda a imprensa brasileira apoiou com entusiasmo a revolução de Sierra Maestra. A bravura, o desprendimento, o idealismo da juventude que pegou em armas para abater a ditadura de Batista, comoviam e arrastavam o nosso coração. Mas logo depois do triunfo, vimos que Fidel Castro só pensava em vingar-se e o fuzilamento de seiscentas vítimas do ódio político puseram a nu uma realidade constrangedora. Hoje a ditadura cubana é a mais cruel do continente e ficará nos anais da ilha como uma página de opressão e luto. Machado e Batista poderão até ser lembrados com saudade. No momento em que alguns governos se voltam contra o regime de Trujillo, na República Dominicana, pergunta-se o que esperam para demonstrar também a sua repulsa aberta a Fidel Castro, o destruidor implacável da liberdade. O instrumento servil de interesses antiamericanos.<sup>112</sup>

Portanto, para o DP, Cuba era um “instrumento servil de interesses antiamericanos”. Antiamericano, nesse sentido, deve ser entendido não como uma referência aos Estados Unidos, mas ao continente americano como um todo. Em um contexto de Guerra Fria, isso significou a ampliação da insegurança no continente. Essa é a mentalidade da Guerra Fria, tão presente na América Latina durante grande parte do século XX.

Havia um debate acerca do comunismo em Cuba nas páginas do periódico. Contudo, as acusações de que o governo cubano era comunista, em 1960, são exemplos das distorções de conceitos trazidas pela Guerra Fria no continente. Emir Sader resume o porquê da Revolução em Cuba não ser comunista, naquele momento. Segundo ele, ainda em 1961, a Ilha não era um Estado socialista ou comunista:

Desde o triunfo contra Batista, a revolução cubana desenvolveu reformas democráticas e outras que já afetavam os interesses das grandes empresas capitalistas, basicamente norte-americanas. A sociedade cubana, em abril de 1961, não era uma sociedade socialista pelo caráter de sua estrutura social [...]<sup>113</sup>

Além disso, os próprios atores sociais da Revolução e do governo esclareceram que não eram comunistas. Porém, o DP insistiu em defender o contrário, como podemos observar no seguinte fragmento:

A estação de rádio oficial “Mambi” que todas as noites transmite violentos “editoriais” anti estadunidenses advertiu, ontem, que se os EUA enviarem os fuzileiros navais a Cuba, esta ilha se converterá em “outra Coréia” [...] A estação afirmou que não procede a afirmação de que os EUA jamais permitirão que Cuba se transforme num centro de comunismo [...] “Nós não somos comunistas – prossegue a emissora –

<sup>112</sup> ATHAYDE, Austregesilo. MORTA A LIBERDADE EM CUBA. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 22/05/1960.

<sup>113</sup> SADER, Emir. A Revolução Cubana. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992, p. 83.

somos humanos, mas o EUA querem, com todo o seu poderio, fazer crer ao mundo que somos comunistas.”

O título da manchete da qual foi retirado o trecho acima é: “Governo Adverte: Cuba Pode Transformar-se Numa Coréia”. Nele, podemos perceber que é dada uma ênfase aos “violentos editoriais” contra os Estados Unidos, que, para o DP, é o exemplo de democracia a ser seguido; assim, um ataque aos Estados Unidos pode ser entendido como um ataque à democracia. Nota-se ainda que o periódico critica a posição da rádio, a qual era vinculada ao governo do primeiro-ministro Fidel Castro, por seus discursos “antiestadunidenses”. Dessa forma, deslegitima a confirmação de que o governo de Cuba não era comunista.

Sendo Assis Chateaubriand proprietário dos *Diários Associados*, é normal que ele tivesse espaço para publicar seus textos com suas opiniões sobre Cuba. Esses textos escancararam suas convicções políticas e sublinham a oposição que o DP fez a Fidel Castro e ao governo revolucionário a partir dos finais de 1959:

Uma das mais repugnantes e sanguinárias ditaduras da América dos nossos dias, é a do tirano de Cuba. Este usurpador envergonha o seu país e o continente pelo fundo cruel da sua natureza e pela sua contribuição maligna à insegurança do hemisfério. [...] Tudo o que está elaborando em Havana, como expressão do nacionalismo latino-americano, não passa do melhor e do mais autêntico imperialismo eslavo. Só um politiqueiro da leviandade integral do sr. Fidel Castro ousaria abrir neste hemisfério, em sua linha de segurança, a brecha que está rasgando para a União Soviética o ditador antilhano. [...] <sup>114</sup>

Chateaubriand inicia esse texto repercutindo a possibilidade de Jânio Quadros visitar Havana, que para Chateaubriand era considerada incompatível com a postura democrática brasileira. Em vista disso, o proprietário dos *Diários Associados* chegou a pedir o rompimento das relações diplomáticas entre Cuba e Brasil. Outro aspecto importante a ser destacado é a acusação de que Cuba estava a serviço do imperialismo soviético, mesmo que nos anos 1960 as relações entre Cuba e União Soviética não fossem exatamente homogêneas.

Além disso, o autor se refere à negociação de compra de aviões russos por parte do governo cubano. Sobre este problema da compra dos aviões soviéticos, Fidel Castro afirmou que “o que é bom para as grandes potências, é bom para os países pequenos”, satirizando os Estados Unidos por manter relações com a União Soviética, enquanto Cuba era cobrada para fazer o oposto, sob acusação de trazer insegurança ao hemisfério por manter relações com países de ideologias consideradas perigosas. Este texto de Chateaubriand é uma das críticas mais severas a Castro, ao governo revolucionário e à Revolução.

---

<sup>114</sup> CHATEAUBRIAND, Assis. A ILUSÃO DE UM ESPECTRO. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 21/02/1960.

No fragmento em análise, é importante salientar a acusação feita por Chateaubriand de que Cuba é a culpada pela “insegurança no hemisfério” ou, em outras palavras, por trazer a Guerra Fria para o continente latino-americano. Em algumas publicações, o DP seguiu a mesma lógica de seu proprietário e repetiu a acusação de que Cuba foi responsável pela inserção da insegurança no continente e que a Revolução Cubana aproximava a América Latina da Guerra Fria:

[...] Para a liquidação do regime anárquico e provocador de Fidel Castro não é necessária a intervenção de nenhum país americano. O povo de Cuba, que tem sabido liberta-se de seus tiranos, que destruiu Machado e Batista, saberá também desvencilhar-se com as suas próprias forças de um governo violento e incapaz que se constituiu numa permanente ameaça a tranquilidade deste hemisfério...<sup>115</sup>

De fato, a Revolução Cubana teve grande influência na composição dos elementos políticos latino-americanos na Guerra Fria, e a resposta dos Estados Unidos aos atos do governo cubano, na década de 1960, trouxe instabilidade política ao continente latino-americano. No entanto, isso não significou que a “insegurança” no hemisfério foi resultante apenas do governo cubano e de suas medidas. Desde a aprovação da Doutrina Truman, em 1947, os Estados Unidos operaram pela aniquilação da influência comunista na América Latina. Um exemplo disso foi a criminalização dos partidos comunistas na América Latina. Desse modo, “[...] o anticomunismo estadunidense se transformou, em distintos casos, em antinacionalismo, [...], como ocorreu na Guatemala com o governo de Jacobo Arbenz.”<sup>116</sup>

Mas o caso da Guatemala não foi um caso isolado. Consequência do reordenamento da política externa dos Estados Unidos, outros países sofreram interrupções nos seus processos de mudanças sociais com o fim da política de boa vizinhança, ainda nos fins de 1940. Segundo Pattine,

o resultado deste processo foi uma gradual inversão das dinâmicas de democratização e uma desaceleração das agendas de ampliação dos perímetros sociais das nações latino-americanas, como mostram com bastante clareza os casos da Colômbia, Peru, Venezuela e Cuba entre 1948 e 1952.<sup>117</sup>

Entretanto, não é exagero apontar que Cuba, após a Revolução e especialmente depois da adesão ao socialismo, ampliou a Guerra Fria no continente latino-americano. Durante os anos 1960, mesmo com relações não homogêneas com a União Soviética, os intercâmbios entre

<sup>115</sup> MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, p. 2, 05/05/1960.

<sup>116</sup> Pettinà, Vanni. Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina. México, El Colegio de Mexico AC, 2018, p. 42 do PDF, (sem paginação original). Tradução nossa.

<sup>117</sup> Ibid., p. 59 do PDF, (sem paginação original). Tradução nossa.

Cuba e os soviéticos influenciaram as políticas externas dos países vizinhos e dos Estados Unidos.

Nesse contexto, o DP adotou a tese de que Cuba traiu sua própria Revolução e os ideais democráticos, genuinamente americanos, e que se fazia representante da União Soviética no “mundo livre”. Ainda sobre a compra de aviões soviéticos, o periódico alertou para o perigo que as relações Havana-Moscú poderiam trazer à paz no continente americano:

[...], mas que Fidel dê marcha a ré na sua política e se situe no raio de influência soviética, eis o que é uma traição aos ideais democráticos, que são ideais americanos. Nem poderíamos acreditar na sua sinceridade, nas manifestações contra Trujillo, quando se põe a reboque de uma das mais sinistras ditaduras de todos os tempos. [...], todavia, é altamente perigoso que Cuba tenha entrado na órbita econômica russa, quebrando assim sentimentos generalizados de toda a América, em torno de um ideal de vida comum.<sup>118</sup>

Como é possível observar, a oposição à Cuba exercida pelo periódico tornou-se cada vez mais densa. Por isso, não demorou para que o DP começasse a comparar o regime anterior com o regime até então vigente. Fazendo interlocuções entre a ditadura de Vargas e a de Fidel Castro, a retórica adotada pelo jornal, em 1959, na qual Fidel Castro lutou para derrubar uma ditadura despótica, deu espaço ao saudosismo:

O 3 de março de 1945 marca o divórcio integral do nosso povo com a Ditadura. Pode-se dizer que havia uma Revolução no ar. O povo se convencera de que fora e continuava sendo traído. A revolução de 30 foi feita para libertar o Brasil da corrupção e da fraude. Mais ou menos como o fizera o ano passado em Cuba, o caudilho Fidel Castro. Todavia, em vez de uma República Liberal, expulso do poder o partido então dominante, presos e exilados seus correligionários, que se viu? A instauração de um regime mil vezes pior; vingativo; negativista; sem programa fundado no privilégio; no filhotismo mais descarado; na soberba dos novos dominadores, que passeavam sua importância de novos césores. [...]<sup>119</sup>

Enfatizando o fim do Estado Novo, o autor procura evidenciar a ruptura do povo com a ditadura. É importante pontuar que os *Diários Associados* apoiaram o movimento de 1930, assim como fez o DP com a Revolução Cubana, em 1959. Entretanto, com o endurecimento do regime, a empresa de Chateaubriand sobreviveu com dificuldades por causa das consequências impostas pela censura. De forma análoga, o DP começou a se opor após o recrudescimento do regime cubano. Aníbal Fernandes compara esse processo histórico com a Revolução Cubana, apontando suas similaridades.

As comparações entre Castro e Batista se tornaram recorrentes no DP. Certamente foi uma forma encontrada pelo periódico para mostrar que os dois regimes eram igualmente

<sup>118</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 21/02/1960.

<sup>119</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 03/03/1960.

repudiáveis. Todavia, a preferência entre as ditaduras de Castro e Batista, o DP parecia ser menos hostil a do último. Em um texto abordando as relações entre Cuba e Estados Unidos, Fernandes responde as acusações de que as restrições feitas pelos Estados Unidos poderiam aglutinar mais ainda Fidel Castro e os comunistas:

Fidel Castro não trata os jornais de modo diverso do de Batista. O barbudo, agora todo voltado para o comunismo, fechou todos os jornais, que tiveram a audácia de criticar o seu regime. [...] Alguns jornais americanos são de opinião que as últimas restrições, feitas pelo governo de Washington, no plano econômico, concorrerão ainda mais para aproximar Fidel e seu grupo de comunistas; mas na realidade essa tem sido sua disposição constante, desde o começo. [...] <sup>120</sup>

Nesse contexto, o DP adotou o discurso de que a Revolução foi desvirtuada e seu propósito inicial foi usurpado por Fidel Castro e os elementos comunistas no governo. Esse discurso tornou-se uma campanha contra Fidel Castro, acompanhando as posições dos Estados Unidos e defendendo-as. A medida em que o primeiro-ministro cubano impetrou acusações aos Estados Unidos de preparar uma invasão à Cuba para derrubar o governo, o periódico publicava textos, fossem eles opiniões ou informativos, afirmando que isso era parte de jogo argumentativo de Fidel Castro:

Somente duas pessoas no mundo, acreditam que os americanos vão invadir Cuba, para derrubar o ditador Fidel: o chanceler Raul Roa e o ministro Valerian Zorin. [...] A esta hora, Fidel é um renegado que traiu os ideais da Revolução Cubana; que mentiu às promessas feitas à mocidade e ao povo. É possível que rebente a cada hora um movimento contra Fidel; mas ou os americanos perderam por completo a cabeça ou não haverá invasão nenhuma, de origem ianque. <sup>121</sup>

Além do próprio Chateaubriand e Austregésilo Athayde, Aníbal Fernandes foi um dos principais colaboradores do DP. De orientação liberal, foi Fernandes quem quase sempre assinou as notas “Momento Internacional”, as quais estavam à margem superior do periódico. Durante o período analisado, Fernandes passou de um apoiador da Revolução Cubana a um dos mais ferrenhos opositores de Fidel Castro e do governo do primeiro-ministro.

De certo, os textos analisados no DP procuravam alertar para o suposto perigo que Cuba trouxe para o continente latino-americano. Mesmo antes da adesão ao socialismo e da sovietação de Cuba, as notícias e os artigos de opiniões no DP deram amplo espaço à luta contra o subversivo. O anticomunismo presente nesses textos revela a profundidade do conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética dentro da América Latina. Podemos citar como exemplo a Sociedade de Estudos Interamericanos, que discutiu o que seria a definição de

<sup>120</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, Primeiro Caderno, 23/10/1960.

<sup>121</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 29/10/1960.

nacionalismo em uma tentativa de esvaziar um dos sentidos da Revolução Cubana e dos atos do governo revolucionário:

[...] Nacionalismo, realmente nacionalista, é patriótico, é democrático [...] não é nacionalismo, nem pode ser aceito pelo povo como tal, qualquer conceito que objetive atrelar-nos ao bloco das nações comunistas em sua empreitada contra o mundo livre. [...] Nacionalismo não é enfraquecimento da democracia, não é combate à livre empresa, não é estatização desenfreada, o que cria condições para um acentuado dirigismo que conduz forçosamente ao totalitarismo, pela subordinação de toda a vida econômica e política ao governo. [...] Fazemos parte do mundo livre que se orienta por normas entre as quais a mais importante é a liberdade do homem baseada no respeito à pessoa humana. [...] Temos, portanto, a responsabilidade de denunciar a traição cubana, perpetrada pelo governo de Fidel Castro contra o seu próprio povo e as nações do Continente. Temos a obrigação de alertar a opinião pública nacional para a estratégia e as táticas do **Nacionalismo Vermelho** visando envolver e arrastar, uma a uma, as nações latino-americanas para a SOVIETIZAÇÃO. Hoje não existem dúvidas: Cuba foi transformada em agente de subversão e de provocação, conspirando contra a segurança e a paz dos povos latino-americanos.<sup>122</sup>

O texto acusou as Ligas Camponesas e “grupos armados no nordeste brasileiro” de cooperação no suposto plano comunista de desestabilização política do país. O trecho a seguir revela a influência da Revolução Cubana nas esquerdas brasileiras e a mentalidade anticomunista presente no DP:

[...] As atividades dos agentes cubanos e de seus subagentes brasileiros nos movimentos sindicais e estudantis, na imprensa, nas Ligas Camponesas, na formação de grupos armados no nordeste, no entrosamento das atividades peronistas nas regiões fronteiriças do sul do país, no dilúvio da propaganda e literatura subversiva evidenciam que o maior esforço do APARATO vermelho se processa por intermédio da OPERAÇÃO CUBANA, contando com o apoio dos que traíram a redemocratização e o povo daquela ilha do Caribe. [...] As agitações políticas e a caótica corrida para um desenvolvimento deformado, a qualquer preço, não estão levando em conta os valores cristãos de dignidade, respeito e reconhecimento mútuos. Foram esquecidos também o sentido social da empresa, a responsabilidade social do empresário e o dever de liderança das elites religiosas e culturais, com graves consequências e perda de prestígio de nossas instituições. [...]<sup>123</sup>

A Sociedade de Estudos Interamericanos definiu qual era o conceito de nacionalismo para o DP: uma sociedade capitalista, cristã, empresarial e livre. Esta defesa da ordem ocidental e o discurso anticomunista do periódico não são apenas meros reflexos ideológicos da polarização estabelecida pela Guerra Fria, mas também a defesa dos interesses próprios do periódico – o qual fazia parte dos *Diários Associados*, um dos maiores conglomerados de mídia do país. Assim, a defesa da democracia e da liberdade, o horror às ditaduras, o nojo aos comunistas, etc., estão também ligados ao seu caráter empresarial. Nelson Werneck Sodré, em seu livro sobre a história da imprensa brasileira, discorre:

<sup>122</sup> Sociedade de Estudos Interamericanos. NACIONALISMO OU TRAIÇÃO CUBANA? Diário de Pernambuco, Recife, p. 7, Segundo Caderno, 06/11/1960.

<sup>123</sup> Sociedade de Estudos Interamericanos. NACIONALISMO OU TRAIÇÃO CUBANA? Diário de Pernambuco, Recife, p. 7, Segundo Caderno, 06/11/1960.

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. [...] Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte”<sup>124</sup>

Dessa forma, o ano de 1960 pode ser considerado o marco temporal em que a oposição a Fidel Castro se consolidou nos Estados Unidos e conseqüentemente no DP. A partir de então, o jornal tentou demonstrar o caráter nefasto à ordem ocidental que o governo do primeiro-ministro Fidel Castro representou. Ao passo que Cuba foi empurrada ao socialismo, as tensões se ampliaram e a Ilha se aproximou da União Soviética, enquanto a América Latina viu a origem de regimes militares como consequência do anticomunismo estadunidense e das elites dirigentes locais.

A mudança de postura do DP no começo dos anos 1960 deixou o apoio comedido ao governo revolucionário no passado. A sensação de esperança foi substituída por duras críticas à Revolução, ao projeto revolucionário e especialmente a Fidel Castro. Os discursos deste contra as pretensões hegemônicas dos Estados Unidos em Cuba se tornaram peça chave na retórica do periódico na luta contra o comunismo.

#### 4.2 REVOLUÇÃO CUBANA E RELIGIÃO: A INCORPORAÇÃO DO DISCURSO CATÓLICO (1960-1961)

Entre fins de 1959 e de 1961, a oposição no DP ao governo revolucionário foi se acentuando e tornando-se cada vez mais definitiva. As tensões que o governo revolucionário causou alinhadas à Guerra Fria global e à pressão dos Estados Unidos fez com que todas as atenções fossem direcionadas à Ilha caribenha. Nesse contexto, um dos aspectos importantes que encontramos analisando os textos do periódico, foi o uso da religião católica como base do discurso anticomunista.

Comparando o regime anterior com o governo revolucionário e criticando o “imperialismo soviético”, o DP repercute uma entrevista com personalidades religiosas brasileiras:

Entrevistados durante um programa da Televisão Tupy, Canal 4, o padre Domingos Crippa, professor de Filosofia da Universidade Católica, e o prof. Ernesto Lima Gonçalves, assistente da Faculdade de Medicina da USP e um dos dirigentes das “Equipes de Casais de Nossa Senhora”, ressaltaram a necessidade de união de todos os católicos da América Latina para evitar a infiltração comunista em nosso continente, salientando que “em Cuba, a revolução foi desvirtuada, transformando-se

<sup>124</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4ª. ed. Rio de Janeiro, 1999, p. 275.

em veículo do comunismo internacional, destruidor das nacionalidades.” Tendo sido suscitada a questão sobre qual deveria ser a posição dos católicos diante das relações entre o governo de Fidel Castro e a Igreja, o padre Domingos Crippa disse que “a identificação que se faz continuamente entre “atividade anticomunista e atividade antirrevolucionária” demonstra quanto a revolução foi traída e desvirtuada de seus verdadeiros fins”. Referiu-se, a seguir às palavras de D. Serantes, bispo de Santiago de Cuba, segundo o qual “a Igreja não defende nenhum imperialismo; luta contra o imperialismo soviético” e que “não valeu a pena lutar contra a ditadura de Batista e contra a exploração de Cuba por capitais americanos, para cair numa situação pior de satélite da grande potência soviética, sob a ditadura violenta de Castro”. [...] <sup>125</sup>

Essa ideia de que a Revolução foi desvirtuada de seu propósito inicial, detalhada no texto pelo padre Domingos Crippa, guiou o tom com o qual o DP tratou os assuntos que envolveram Cuba e a Igreja Católica no decorrer do período analisado. Sob o título de “*Frente Única Contra Infiltração Vermelha*”, o texto abordou a necessidade de união entre os católicos para vencer o comunismo, revelando o caráter essencialmente anticomunista de alguns setores da Igreja no Brasil.

As relações da Igreja cubana com o movimento revolucionário foram semelhantes às relações entre o DP e a Revolução Cubana. Devido ao caráter indefinido da Revolução, a Igreja cubana ficou receosa acerca da ideologia do movimento revolucionário. Segundo Thais Rosalina de Jesus Turiel

A Igreja preocupava-se que uma revolução de esquerda pudesse colocar Cuba na órbita soviética e que, com isso, recaíssem sobre os religiosos do país não apenas o ateísmo científico, que poderia prejudicar suas fontes de influência sobre a sociedade, mas também as perseguições aos cristãos presenciadas em diferentes lugares do bloco comunista, como na Polônia, Checoslováquia e Hungria, por exemplo. <sup>126</sup>

Esta posição receosa da Igreja foi uma atitude comum em vários setores da sociedade, no Brasil e no mundo. Como vimos, os Estados Unidos enxergavam o movimento revolucionário com desconfiança; assim também fazia o DP e a Igreja cubana:

O padre Eduardo Boza Masvidal, recentemente nomeado reitor da Universidade de Villa Nueva, exortou a Fidel Castro e ao governo a pôr fim às execuções e colocar-se em pé de alerta frente ao perigo do comunismo. <sup>127</sup>

Contudo, as relações entre a Igreja Católica em Cuba e o governo revolucionário foram amistosas, no início. O arcebispo de Santiago de Cuba, monsenhor Henrique Serantes, reconheceu o governo revolucionário pouco tempo após a Revolução e, segundo Turiel, teceu elogios a Fidel Castro. Também é importante salientar que os católicos tiveram preponderante

<sup>125</sup> Frente Única Contra Infiltração Vermelha: Apelo à união de todos os católicos da América Latina. Diário de Pernambuco, Recife, 29/11/1960.

<sup>126</sup> TURIAL, Thais Rosalina de Jesus. A sacralização da revolução: festas religiosas, igreja católica e Estado em Cuba (1953-1970). 2018. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em História) —Universidade de Brasília, Brasília, 2018, p. 12.

<sup>127</sup> Sacerdote Exortou Fidel A Encerrar As Execuções. Diário de Pernambuco, Recife, pg. 2, 24/04/1959

participação na derrubada da ditadura de Batista. Além disso, a Igreja se posicionou durante as diversas fases da Revolução Cubana:

[...] torna-se imperiosa a necessidade de entender como a Igreja, enquanto instituição, lidou com as diferentes etapas revolucionárias, evidenciando seus níveis oscilantes de aproximação com o regime, desde o período insurrecional, iniciado em 1953, quando demonstrou uma postura mais colaborativa, passando por todo processo de inclinação de Cuba ao socialismo até os estágios de maior sovietação do país, no final da década de sessenta.<sup>128</sup>

A Igreja Católica não mantinha uma só posição com relação à Revolução Cubana: muitos daqueles que fizeram a Revolução triunfar eram cristãos e estiveram nas fileiras das guerrilhas ou nos movimentos urbanos, enquanto a posição do alto escalão da Igreja tendia a se afirmar “acima de qualquer partidário político, recusando-se, por muito tempo, a defender algum dos dois lados do conflito.”<sup>129</sup> Esta posição “neutra” tomada pela Igreja com certeza teve o intuito de evitar tensões internas.

No entanto, partes da Igreja no mundo sempre mantiveram uma postura anticomunista, essencialmente por conta da perseguição aos católicos em solo soviético, e essa postura alinhava a instituição religiosa mais ao bloco capitalista do que ao socialista. Apesar disso, segundo Turial, aqueles sacerdotes cubanos que estavam mais próximos ao povo e que enxergavam a realidade dos mais pobres ficaram mais favoráveis à Revolução. Por outro lado, o alto escalão da Igreja tendeu a ser menos favorável, tanto pela defesa da ordem vigente como pela desconfiança do caráter ideologicamente instável do governo revolucionário.

De acordo com Turial, inicialmente a Igreja apoiou a Revolução, por não interferir nos fundamentos cristãos. Sobre isso, Aníbal Fernandes discorre:

Voltando a falar das relações da Igreja Católica com a Revolução castrista, devemos insistir que a vida de Castro, durante a ditadura de Batista, é devida a um prelado da Igreja; [...] os bispos sempre procuraram atenuar os rigores da Ditadura de Batista e muitos mostraram-se simpáticos à causa rebelde. As organizações militantes da juventude católica eram focos de oposição ao governo, sendo que muitos de seus membros caíram debaixo das balas dos verdugos do antigo regime.<sup>130</sup>

Isso se deu porque, certamente,

As Igrejas “não se opõem à revolução primariamente por ela ser contra os interesses da burguesia e do império, mas porque propõe um sistema de valores, uma interpretação da realidade, uma concepção do homem novo e um projeto educativo que são alternativos aos da Igreja”. Não se tratava simplesmente, se admitimos a validade desse juízo, de um compromisso de classe diante de uma revolução radical,

<sup>128</sup> TURIAL, op. cit., p. 18.

<sup>129</sup> Ibid., p. 30.

<sup>130</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Recife, p. 2, 24/12/1960.

mas de se acoplar a um sistema que impõe um padrão novo na relação entre a Igreja e o Estado.<sup>131</sup>

Contudo, não podemos rechaçar a importante ressalva de que os interesses econômicos e a defesa da ordem também fazem parte do impulso que moveu as mudanças de posições da Igreja sobre a Revolução Cubana. Como exemplo podemos citar o primeiro desentendimento entre o Estado revolucionário e a Igreja, em Cuba, que, segundo Turial, se deu quando o governo deixou de reconhecer os títulos outorgados por universidades privadas. Muitas dessas universidades eram católicas e a partir destas os eclesiásticos tiravam proventos para suas atividades religiosas. Sobre isso, O DP explana:

Centenas de padres e freiras são expulsos de Cuba. Onde imperam a foice e o martelo, procura-se eliminar a Igreja Católica, tradicional inimiga do comunismo. A mão ébria de Fidel Castro, prolongamento de um braço fatídico e sanguinário, abateu-se sobre as escolas particulares, onde livremente ainda se podiam ensinar os princípios cristãos. Os terríveis braços de polvo estrangularam mais um direito fundamental da democracia: a liberdade de ensino. De um modo abominável, o regime comunista cubano transformou os sagrados templos escolares em bordéis de perdição, onde se turvam a limpidez dos corações infantis e a serenidade dos jovens espíritos, ainda indefesos diante do erro e da mentira que são ensinados como a única verdade existente. Tristes efeitos de uma ditadura incontida, que ainda procura camuflar suas falsidades para iludir ao menos aos cegos que não querem enxergar. Avança o comunismo, invadindo todas as escolas. Variam as técnicas externas; permanecem inalteráveis, em sua base, a mentira e o dolo. [...] <sup>132</sup>

O contexto internacional também favoreceu a difícil relação entre Igreja e Estado, em Cuba. Com as violências entre a Ilha e Estados Unidos, Cuba foi sendo empurrada à órbita soviética e radicalizando as reformas econômicas. Por isso, as interações entre o catolicismo e o governo revolucionário foram se deteriorando, de forma que “as notícias de que uma guerra estava sendo travada entre a Igreja e o governo começaram a se espalhar rapidamente no final de 1959, contribuindo para acelerar um processo de desilusão já crescente com a Revolução.”<sup>133</sup>

O processo de desilusão da Igreja com a Revolução não estava apenas ocorrendo em Cuba, onde a Igreja lutava para manter sua influência, mas também se tornando base da retórica anticomunista no DP. Em 1960, o periódico opina sobre as relações entre Fidel Castro e o Episcopado cubano:

O Episcopado Cubano, à frente o Cardeal Arteaga, acaba de lançar uma Carta Pastoral, protestando contra as mentiras e calúnias atiradas contra a Igreja Católica, em recente discurso do primeiro-ministro Fidel Castro. O sanguinário chefe da revolução

<sup>131</sup> ALONSO, A. A Igreja católica, a política e a sociedade. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 25, n. 72, p. 107-115, 2011, p. 108. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10575>. Acesso em: 1 jul. 2022.

<sup>132</sup> VIDA RELIGIOSA EM CUBA É ASSIM. *Diário de Pernambuco*. Recife, Segundo Caderno, p. 2, 14/09/1961.

<sup>133</sup> TURAL, Thais Rosalina de Jesus. A sacralização da revolução: festas religiosas, igreja católica e Estado em Cuba (1953-1970). 2018. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018, p. 55.

comunista de Cuba formulou as mais vergonhosas acusações ao clero católico, inclusive a de que se encontra a serviço do imperialismo estrangeiro. Castro, sim, é que está a serviço do imperialismo soviético e conduzindo, em virtude dessa subserviência a Moscou, o pequeno país à ruína, já à vista e fatal, se não houver pronta mudança de rumo. Os arcebispos e bispos cubanos demonstram que, em todo o tempo, e não agora, o clero esteve sempre ligado aos interesses das massas trabalhadoras, inclusive nas usinas de açúcar e que grande parte do progresso social realizado em Cuba contou invariavelmente com a colaboração e o estímulo da Igreja Católica. Castro precisa, no entanto, mentir, como o fazia Hitler, para desmoralizar a ação do clero e tentar incompatibilizá-lo com as massas. É um esforço inútil. [...] A hostilidade dos revolucionários cubanos à Igreja vem de que a palavra esclarecedora e orientadora do clero não pode silenciar em face das agressões que o governo está fazendo não aos interesses materiais, mas aos princípios do cristianismo. A opinião pública do continente, sobretudo os católicos, não pode e não deve ficar indiferente à luta que a hierarquia católica está travando em Cuba, pela liberdade da Igreja. [...] <sup>134</sup>

A campanha contra Fidel Castro no DP tentou conquistar o apoio da Igreja do continente americano. O periódico atuou para unir os católicos contra o governo revolucionário e suas investidas contra à Igreja, tratando o governo cubano como comunista mesmo antes da declaração do caráter marxista da Revolução.

Com a declaração do caráter marxista-leninista do Estado Cubano, entoado por Fidel Castro, todas as desconfianças dos Estados Unidos e da Igreja sobre o mesmo se tornaram realidade. Sob o título “Fidel abre guerra direta contra Deus: Roma denuncia”, o DP noticiou a repercussão da declaração do caráter socialista da Revolução em Cuba e no Vaticano. Para a Igreja, em Roma, Fidel Castro deu início a uma campanha contra o cristianismo e levou Cuba para um regime totalitário:

O jornal da Ação Católica, em Roma, “Il Quotidiano”, disse ontem que a campanha contra a Igreja que é levada a efeito em Cuba pelo governo de Fidel Castro é obra [do] “anticristo”. Afirmo o jornal que a proclamação da “Revolução Socialista de Cuba”, é “outro caso de rebelião totalitária que, pela primeira vez em todos os séculos, ousa empreender uma guerra aberta e direta contra Deus”. A Rádio Vaticano, por sua vez, no noticiário de ontem fez um pequeno comentário, porém incisivo: “Aguardando ulteriores elementos que permitam analisar mais a fundo o acontecido, não é possível deixar de manifestar a dolorosa surpresa que o fato em si mesmo e as declarações que o acompanham provocam em todos os homens livres, e particularmente, entre os católicos que vem atingido mais um país de indiscutíveis e antigas tradições cristãs”. Fidel Castro disse ontem, durante um banquete oferecido às delegações estrangeiras que foram a Havana assistir às comemorações do Dia do Trabalho, que “a Igreja conviveu com todos os regimes... que conviva também com socialismo...” [...] <sup>135</sup>

As relações entre a Igreja e Fidel Castro foram se deteriorando cada vez mais após o primeiro-ministro assumir o caráter marxista-leninista da Revolução. No DP, a Igreja aparece como última remanescente da ordem ocidental em Cuba. Criticando as medidas econômicas

<sup>134</sup> MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco. Recife, p. 2, 08/12/1960.

<sup>135</sup> Fidel abre guerra direta contra Deus: Roma denuncia. Diário de Pernambuco, Recife, Primeiro Caderno, 05/05/1961

tomadas pelo governo cubano, o periódico enfatiza o drama que supostamente passaram os cidadãos cubanos diante da “ameaça comunista”:

Fidel Castro, depois de ter se apoderado das refinarias de petróleo americanas e anglo-neerlandesas; de todas as indústrias americanas; e de haver incorporado ao Estado indústrias e propriedades nativas, acaba de abolir a propriedade imobiliária, para fins de rendas. O fato de haver realizado acordos econômicos e de outra natureza com todos os países comunistas da Europa e da Ásia e de ter rompido seus compromissos com a Organização dos Estados Americanos confirma a sua grande guinada para à extrema-esquerda, em que acabou por integrar-se de tal modo, que não pode haver diferença entre Cuba e um Estado Marxista. Resta, entretanto, a Igreja, com a qual Fidel Castro não anda em melhores condições; e a tal ponto que não se estranhe que qualquer dia desses entre em conflito frontal. A última pastoral de monsenhor Enrique Perez Serantes, arcebispo de Santiago, (província do Oriente), distribuída em todas as igrejas de sua diocese, afirma que nunca o povo cubano pôde imaginar que estaria em face de uma ameaça comunista. [...] <sup>136</sup>

Diante do exposto, o comportamento da Igreja em Cuba sobre a Revolução Cubana foi o mesmo que o DP tomou: primeiramente apoiaram o grupo revolucionário, mesmo com desconfianças, porque a ditadura de Batista, neste momento, parecia indefensável; depois, a postura mudou devido aos atos políticos do governo revolucionário e, mais radicalmente, após a adesão ao socialismo em Cuba.

Assim sendo, podemos afirmar que o DP, para dar base à sua retórica anticomunista, usou o catolicismo para conseguir aumentar a influência de sua oposição ao governo de Fidel Castro. Repercutindo as relações entre Cuba e o clero Cubano, bem como entre os atos do governo cubano e setores da Igreja no Brasil, o periódico saiu em defesa dos valores cristãos contra o suposto ateísmo comunista. Para o DP:

[...]Diante de semelhantes fatos, a nós católicos não resta outra atitude senão entrar valentemente na imensa cruzada de orações que se realiza em todo o mundo, para que em breve a luz e a alegria da doutrina cristã brilhem e reinem novamente nestas terras, onde Cristo é de novo crucificado. <sup>137</sup>

<sup>136</sup> FERNANDES, Aníbal. MOMENTO INTERNACIONAL. Diário de Pernambuco, Recife, Primeiro Caderno, p. 2, 28/09/1961.

<sup>137</sup> VIDA RELIGIOSA EM CUBA É ASSIM. Diário de Pernambuco. Recife, Segundo Caderno, p. 2, 14/09/1961.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos neste trabalho todos os aspectos que poderiam influenciar nas reflexões sobre a fonte primária – o periódico. Começamos discutindo os debates da historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil, tentando equilibrar nosso texto com base nas diversas contribuições dos autores de posturas divergentes. Neste debate historiográfico, levantamos questões como democracia, ditadura e dependência econômica, que foram tão importantes na análise do objeto de estudo.

Também procuramos conceituar o movimento revolucionário de 1959 como um processo revolucionário, não levando em consideração somente os conceitos tradicionais de revolução, mas situando o processo revolucionário cubano dentro do seu contexto, respeitando a história singular de Cuba. Através desses conceitos operacionais, foi possível localizar a Revolução Cubana dentro da Guerra Fria e abordar suas relações com o continente latino-americano e os Estados Unidos.

Além de tais aspectos, esclarecemos as tramas da Guerra Fria na América Latina e em Cuba, parte essencial para entendermos o discurso anticomunista que o DP empregou após o apoio comedido que deu ao movimento revolucionário em Cuba, durante fins de 1958 e início de 1959.

Também cumprimos os nossos objetivos. O primeiro deles foi uma análise sobre o perfil ideológico de Assis Chateaubriand e dos *Diários Associados*. A partir desta, foi possível estabelecer as relações entre a ideologia do proprietário e os textos escritos no periódico. É importante salientar que, além de anticomunista, Chateaubriand e os *Diários Associados* fizeram a defesa dos Estados Unidos e dos ideais estadunidenses de civilização e democracia, acompanhando as posturas políticas dos EUA e as inserindo no DP. O segundo objetivo foi a análise do discurso do DP entre 1959 e 1961. Ao estudarmos os fragmentos selecionados, foi possível diferenciar as posturas do periódico, primeiramente apoiando a Revolução na esperança da democratização nos moldes liberais da Ilha, e, posteriormente, tornando-se oposição ao regime que foi empurrado ao socialismo.

A partir dos métodos empregados, tentamos contribuir com a historiografia, tendo em vista que não existiam trabalhos sobre o período analisado. Outro aspecto que consideramos importante desta monografia foi o uso do periódico não só como fonte primária, mas também

como objeto de estudo, uma vez que, foi convertido em instrumento de voz das posições políticas do seu proprietário.

Dessa forma, este trabalho analisou o discurso do DP sobre um processo histórico tão importante para a história política como foi a Revolução Cubana, procurando contribuir com as lacunas abertas sobre o tema em Pernambuco. Entretanto, devido às limitações dos objetivos deste trabalho, a proposta final pode ser a de expandir o problema de pesquisa para a análise em jornais da América Latina, ou o marco temporal analisado, em um futuro projeto de mestrado tendo em vista a relevância científica do que foi discutido.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Autregésilo de Athayde: Biografia. *In: Pesquisa Escolar*, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/austregesilo-de-athayde/biografia>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- ALONSO, A. A Igreja católica, a política e a sociedade. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 25, n. 72, p. 107-115, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10575>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- ANDRADE, Maria do Carmo. Aníbal Fernandes. *In: Pesquisa Escolar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2006. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/anibal-fernandes/>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- ARCARY, Valerio. O que é uma revolução?. *Revista Dialectus*, Fortaleza, ano 2, n. 5, p. 51-63, ago./dez. 2014.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Edição Kindle.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Tradução de Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. 11ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.
- BRUIT, Héctor H. *Revoluções na América Latina In: Discutindo a História*. São Paulo: Atual, 1988.
- CAMPOS, Paulo Jorge Correia. Repressão e tortura no lead – A participação dos Diários Associados contra o consenso de uma memória oficial do primeiro governo Vargas (1945-1950). XXVI Simpósio Nacional de História - Anais Simpósios ANPUH, 2011. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856708\\_944530986f5c220c8e0513c323851780.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856708_944530986f5c220c8e0513c323851780.pdf). Acesso em: 30 jun. 2022.
- CHOMSKY, Aviva. *História da Revolução Cubana*. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Editora Veneta, 2015.
- COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: História e Problemas Atuais*. 1ª Edição: São Paulo: Xamã Editora, 1998.

DIAS, Bibiana Soldera. A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olhar de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista O Cruzeiro. IX Encontro Estadual de História - Seção RS - Vestígios do Passado: A história e suas fontes, 2008. Disponível em: [http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212363845\\_ARQUIVO\\_TextoBibianaANPUHRS\[1\].pdf](http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212363845_ARQUIVO_TextoBibianaANPUHRS[1].pdf).

Acesso em: 01 jul. 2022.

ESTADOS UNIDOS. Presidente. (1963-1969: Lyndon B. Johnson) Discurso em ocasião da Intervenção na República Dominicana. Washington, 2 mai. 1965. 4f. Disponível em: <https://loveman.sdsu.edu/docs/1965JohnsonDoctrine.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

GABELLA, Augusto Malavasi. “PORQUE FUSILAMOS A LOS CRIMINALES DE GUERRA”: A JUSTIÇA REVOLUCIONÁRIS EM CUMBA NAS PÁGINAS DO JORNAL REVOLUCIÓN. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

HOBBSAWM, Erick. Viva la revolución: A era das utopias na América Latina. Tradução de Pedro Maia Soares. – 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LOPEZ, Luiz R. História da América Latina. 2ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

MATOS, Júlia Silveira. Caminhos entrecruzados: liberdade e democracia em Sérgio Buarque de Holanda e Assis Chateaubriand. Revista de História, Rio Grande, v. 1, n. 3, p. 77-89, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/index.php/hist/article/viewFile/2343/1238>> Acesso em: 30 jun. 2022.

MELO NETO, João Mariano de. O comunismo através dos jornais: as eleições municipais de 1947, em Jabotão dos Guararapes. 2019. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

MOURA, Gerson. Estados Unidos e América Latina. Coleção Repensando a História Geral. São Paulo: Contexto, 1990.

Pettinà, Vanni. Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina. México, El Colegio de Mexico AC, 2018, p. 42 do PDF (sem paginação original). Tradução nossa.

SABADINI, Geanini. Uma ilha na imprensa brasileira: o olhar do jornal Diário de Notícias (RS) sobre a revolução cubana. Monografia - Universidade Federal da Fronteira Sul. Rio Grande do Sul, 2014.

SADER, Emir. A Revolução Cubana. São Paulo: Editora Brasil Urgente, 1992, p. 83.

SANTOS, Roberta Lisana Rocha. O ANTICOMUNISMO NOS ESCRITOS DE ASSIS CHATEAUBRIAND PARA AS PÁGINAS DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS NA BAHIA (1945-1947). VIII Encontro Estadual de História da Anpuh-BA, 2016. Disponível em:

[http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477689946\\_ARQUIVO\\_OANTICOMUNISMONOSESCRITOSDEASSISCHATEAUBRIANDPARAASPAGINASDODIARIODENOTICIAS.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477689946_ARQUIVO_OANTICOMUNISMONOSESCRITOSDEASSISCHATEAUBRIANDPARAASPAGINASDODIARIODENOTICIAS.pdf). Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVA, José Santana da CONCEITO DE REVOLUÇÃO NA HISTORIOGRAFIA DAS REVOLUÇÕES MEXICANA E CUBANA. Portal de Anais de Eventos da Universidade Estadual de Goiás. Disponível em:

<https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/9970/7174>. Acesso em: 01 jul. 2022.

SILVA, Marcos Antonio da. Revisitando a Guerra Fria: autonomia relativa e dependência na relação Cuba - URSS. Revista de Geopolítica, Natal, vol. 4, n. 2, p. 104-126, jul. dez., 2013  
SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4ª. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 1999.

TULCHIN, Joseph S. América Latina x Estados unidos: Uma Relação Turbulenta. São Paulo: Editora Contexto, 2016

TURIAL, Thais Rosalina de Jesus. A sacralização da revolução: festas religiosas, igreja católica e Estado em Cuba (1953-1970). 2018. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

WAINBERG, Jacques A. Império de Palavras. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

WASSERMAN, Claudia (org.) A Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil. Porto Alegre: Edições EST, 2009.